

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

ADJETIVOS - CATEGORIA FRONTEIRIÇA

HELIANA RIBEIRO DE MELLO

- BELO HORIZONTE, 1990 -

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

ADJETIVOS - CATEGORIA FRONTEIRIÇA

HELIANA RIBEIRO DE MELLO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

- Belo Horizonte, 1990 -

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

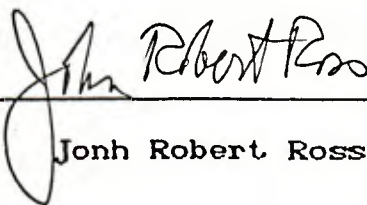
Dissertação apresentada à banca examinadora  
constituída dos seguintes professores:



---



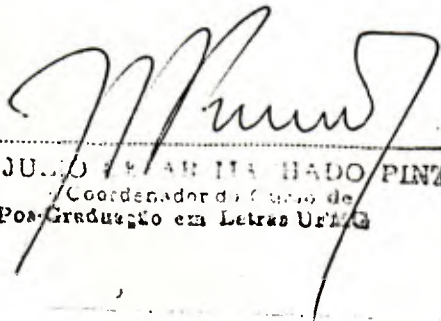
---



---

Orientador:

Jonh Robert Ross

  
\_\_\_\_\_  
PROF. JULO VERA DA SILVA PINTO  
Coordenador do Curso de  
Pós-Graduação em Letras UFMG

Repetir a mim mesma que tudo quanto narro aqui é desmentido pelo que não narro; estas notas procuram apenas preencher uma lacuna.

Não se trata do que eu fazia durante esses anos difíceis, nem dos pensamentos, nem dos trabalhos, nem das angústias, nem das alegrias, nem da imensa repercussão dos acontecimentos exteriores, nem da constante prova de nós próprios na pedra de toque dos fatos.

Deixo passar em silêncio as experiências da enfermidade, em silêncio ficam outras experiências mais secretas, levadas umas pelas outras, e a permanente presença ou procura do amor.

Marguerite Yourcenar

## AGRADECIMENTOS.

Este meu primeiro trabalho científico não teria sido possível se não houvesse um número grande de pessoas que, de uma forma ou de outra, se dispusessem a me auxiliar. São muitos os nomes para serem aqui citados. Todavia, desejo manifestar o meu profundo agradecimento a todos esses meus amigos e colaboradores que, por força das circunstâncias, ficarão anônimos.

Expresso, entretanto, especial gratidão

- a Pláj Ross, meu professor e orientador, pela formação em Linguística que me reservou, pela orientação criativa e ecistíca, pela amizade e pela inestimável colaboração;
- aos meus familiares, particularmente à Marlene e ao Roberto, meus pais, e também aos meus avós pela formação para a vida;
- a Heloisa e César, meus irmãos, pela amizade calorosa e pelo "apoio logístico";
- ao Ricardo, meu companheiro de vida, por tudo aquilo que é impossível ser dito através das palavras;
- a Adriana Tenuta, Virginia Ribeiro e Márcia Cançado, minhas amigas e colegas de Mestrado, sem cujo apoio e auxílio esta dissertação não teria sido elaborada;
- ao Prof. Mário Alberto Perini pelas aulas de Linguística, pelo apoio bibliográfico, pelas discussões e sugestões;
- ao Prof. Milton do Nascimento pelas discussões e questionamentos;
- aos Professores Tereza Virginia Ribeiro Barbosa e Theodoro Kennó Assunção por cederem o seu gabinete para que esta dissertação pudesse ser escrita;
- à Profa. Maria Lúcia Brandão de Mello pela revisão cuidadosa deste trabalho e por sua enorme receptividade;
- à universidade pública Brasileira, que representada pela FALB-UFMG, proporcionou-me a oportunidade de cursar o Mestrado;
- ao ENPq pela bolsa de Mestrado;
- à Secretaria do Curso de Pós-Graduação da FALB-UFMG, pela ajuda técnica.

Para

Luísa e

Diogo (in memoriam)

## INDICE

	Página
0-INTRODUÇÃO-----	01
CAPÍTULO I: CATEGORIZAÇÃO, CATEGORIAS LINGÜÍSTICAS E	
ADJETIVOS-----	03
1.0- Categorização-----	04
1.1- Categorias lingüísticas-----	07
1.2- Adjetivos-----	12
1.2.1- Breve histórico da classe dos adjetivos-----	14
1.2.2- Os adjetivos nas gramáticas e nas teorias modernas--	16
1.3- Sumário-----	26
CAPÍTULO II: O QUE SÃO TODOS ESSES ADJETIVOS?-----	
2.0- Os adjetivos "problemáticos"-----	27
2.1- Adjetivos relacionados com advérbios-----	29
2.2- Adjetivos de origem nominal-----	34
2.3- Os adjetivos não-predicativos-----	45
2.4- Os adjetivos não-predicativos nominais-----	46
2.5- Sumário-----	64
CAPÍTULO III: OS ADJETIVOS NÃO-PREDICATIVOS E SUA PRESENÇA	
NAS GRAMATICAS E NOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS	68
3.1- Grammatica Philisophica da Lingua Portugeza, de	
Jerônimo Soares Barbosa-----	69

3.2- Gramática da Língua Portuguesa, de Celso Cunha-----	71
3.3- The Derivation of English Pseudo-Adjectives, de Paul M. Postal-----	73
3.4- The Syntax and Semantics of Non-Predicating Adjectives in English, de Judith N. Levi-----	79
3.5- Sumário-----	84
CAPÍTULO IV: OS ANP's NUMA PERSPECTIVA GERATIVO- TRANSFORMACIONAL-----	85
4.0- A hipótese-----	87
4.1- Terminologia-----	89
4.2- Derivações nominais por apagamento de predicado-----	93
4.2.1- Progressões derivacionais-----	97
4.2.2- Formação do composto adjetival-----	100
4.2.3- Apagamento do predicado recuperável-----	101
4.2.4- Adjetivação morfofonêmica-----	105
4.2.5- Diagramas em árvore das derivações por apagamento de predicado-----	106
4.2.6- Conclusões acerca da derivação por apagamento de predicado-----	114
4.3- Derivações nominais por nominalização de predicado----	118
4.3.1- Derivações e transformações no processo de nominalização de predicados-----	121
4.4- Sumário-----	125



CAPÍTULO V: CLASSIFICANDO OS ANP's-----	127
5.0- Reflexões sobre os ANP's-----	131
5.1- Os testes-----	139
5.2- Os <i>squishes</i> -----	147
5.2.1- Os <i>squishes</i> de alguns casos de ANP's-----	148
5.2.2- Análise dos <i>squishes</i> de 5.2.1-----	154
5.2.3- Os <i>squishes</i> de ANP's em SN's "cristalizados"-----	155
5.3- Sumário-----	160
CONCLUSÃO-----	161
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	164

## 0 - INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é investigar um tipo peculiar de adjetivos: os ADJETIVOS NÃO-PREDICATIVOS. Ao longo do trabalho, busco delimitar:

- o perfil sintático-semântico desses adjetivos;
- uma aproximação gerativo-transformacional para explicar a sua origem;
- seu curioso comportamento no nível de estrutura superficial.

Para tanto, foram desenvolvidos cinco capítulos.

No Capítulo I, são discutidas algumas propostas acerca de categorização, categorias linguísticas e adjetivos.

No Capítulo II abordam-se os adjetivos ditos "problemáticos", com especial ênfase na caracterização dos adjetivos não-predicativos nominais.

O Capítulo III apresenta a visão de quatro autores distintos sobre os adjetivos não-predicativos - dois deles gramáticos tradicionais e os outros dois linguistas contemporâneos.

O Capítulo IV traz uma proposta explicativa, gerativo-transformacional, para a emergência dos adjetivos não-predicativos na língua portuguesa.

No Capítulo V, desenvolve-se uma análise do comportamento sintático-semântico desses adjetivos no nível de superfície.

A intenção primeira é tentar explicitar, com clareza, a caracterização de uma subcategoria de adjetivos ainda muito pouco estudada no português.

Com as conclusões extraídas a partir da pesquisa feita, pretendo, ainda, contribuir para o fortalecimento da abordagem cognitivo-prototípica de caracterização dos fenômenos lingüísticos, mesmo que de uma forma ainda bastante preliminar.

Creio ser importante elucidar que os dados analisados foram, dentro do possível, coletados em jornais e revistas. Poucas foram as ocorrências por mim inventadas. Adotei esse procedimento na esperança de resguardar a verossimilhança entre corpus analisado e "realidade" da língua brasileira. Só mesmo o leitor poderá julgar se alcancei meu intento.

CAPÍTULO I - CATEGORIZAÇÃO, CATEGORIAS LINGÜÍSTICAS E  
ADJETIVOS

Quando alguém classifica um item lexical como adjetivo, certamente tem em mente um motivo para fazê-lo: é provável que tenha aprendido, na escola, algum princípio genérico para identificar adjetivos ou, na pior das hipóteses, tenha decorado um certo número de palavras rotuladas como adjetivos. Essa mesma pessoa, entretanto, pode deparar com um grande problema quando se vir na situação de não saber como classificar uma palavra do tipo de mecânica numa construção como a de 1.(a) abaixo:

1.(a) Márcia estudava Engenharia Mecânica.

Nesta dissertação busco argumentos que visam a esclarecer qual a categorização de um item lexical como mecânica.

Para cumprir tal objetivo terei, primeiramente, que esclarecer o que entendo por categorização. É o que farei a seguir.

## 1.0- CATEGORIZAÇÃO

As ciências cognitivas desempenham um papel de altíssima importância na atualidade. Os trabalhos em inteligência artificial e ciência da computação lotam as revistas científicas. Entretanto, a base para todos eles ainda não é um ponto de consenso entre os cientistas - não há uma visão única do que seja uma categoria ( e esta é a palavra chave de qualquer trabalho na área de cognição).

A visão tradicionalista de categorização é atribuída aos antigos gregos. Aristóteles é louvado por alguns teóricos e execrado por outros, por causa de seu trabalho Categories onde expõe

um inventário das propriedades que um pensador grego julgava predicáveis a um objeto, e conseqüentemente como a lista dos conceitos a priori que, segundo ele, organizam a experiência. Benveniste (1988: 70-71)

As categorias, na teoria clássica, são definidas em termos das propriedades comuns a seus membros. Esta visão, no entanto, tem sido duramente criticada desde os trabalhos de Wittgenstein.

Wittgenstein (1953,1:66-71) demonstrou que há categorias que não possuem fronteiras claras, definidas por propriedades em comum. Um exemplo seria a categoria dos jogos; nenhum jogo possui regras idênticas às de outro, além disso não há uma fronteira fixa para o número de jogos possíveis. Outros exemplos utilizados por Wittgenstein são os números e os poliedros, que podem ser

limitados para servir a estudos, mas cujo conceito intuitivo pode ser submetido a extensões.

Muitos outros teóricos contribuíram para a desmitificação da categorização clássica. Entre eles, destacam-se, além do já citado Wittgenstein, com seus *insights* sobre traços de família, centralidade e gradiência, autores como Lotfi Zadeh e seu estudo dos *fuzzy sets*; Brent Berlin e Paul Kay e sua importante pesquisa sobre termos de cor; Roger Brown e as categorias de nível básico, em "How Shall a Thing Be Called?", de 1958.

Eleanor Rosch, em suas pesquisas em psicologia cognitiva, comprovou definitivamente a inadequação da categorização clássica e propôs a teoria dos protótipos. Segundo Lakoff (1987:39),

...she [Eleanor Rosch] provided a full-scale challenge to the classical theory and did more than anyone else to establish categorization as a subfield of cognitive psychology. Before her work, the classical theory was taken for granted, not only in psychology, but in linguistics, anthropology, and philosophy, as well as other disciplines.

De acordo com Rosch, chamam-se de protótipos as subcategorias ou os membros de uma categoria que melhor a exemplificam; e de efeitos prototípicos as assimetrias encontradas em cada categoria. Seu trabalho não foi bem entendido em muitos meios, passando a ser visto como uma solução simplista para o difícil problema filosófico envolvido na idéia de categorização. Em resposta às interpretações errôneas de sua teoria, ela escreveu:

The pervasiveness of prototypes in real-world categories and of prototypicality as a variable indicates that prototypes must have some place in psychological theories of representation, processing, and learning. However, prototypes themselves do not constitute any particular model of processes, representations, or learning. This point is so often misunderstood that it requires discussion:

1. To speak of a *prototype* at all is simply a convenient grammatical fiction; what is really referred to are judgments of degree of prototypicality... For natural-languages categories, to speak of a single entity that is the prototype is either a gross misunderstanding of the empirical data or a covert theory of mental representation... Rosch (1978:40).

As principais conclusões que se podem depreender da teoria dos protótipos foram listadas por Lakoff (1987:56), conforme simplifico a seguir:

- Algumas categorias, tais como homem alto, vermelho, podem sofrer uma gradação, isto é, possuem graus inerentes de associação, fronteiras não claramente delimitadas e membros centrais que, numa escala de associação (de zero a um), possuem o grau um.
- Outras categorias têm fronteiras claras - ave, por exemplo; mas, dentro dos limites dessas fronteiras, há efeitos prototípicos graduados, ou seja, alguns membros de uma categoria são melhores exemplos que outros.
- As categorias não são organizadas somente em termos de taxonomias hierárquicas simples; ao contrário, categorias localizadas "no meio" de uma hierarquia são as mais básicas em relação a uma série de critérios psicológicos: percepção gestáltica, habilidade de formar uma imagem mental, interações motoras e facilidade de aprender, lembrar e usar. A maior parte

dos conhecimentos é organizada nesse nível.

- O nível básico depende da percepção da estrutura parte/todo e do correspondente conhecimento de como as partes funcionam em relação ao todo.
- As categorias são organizadas em sistemas de elementos contrastantes.
- As propriedades relevantes para a descrição de categorias são propriedades interacionais.
- Os efeitos prototípicos, isto é, as assimetrias entre os membros de uma categoria, são fenômenos superficiais que podem ter muitas fontes.

#### 1.1- CATEGORIAS LINGÜÍSTICAS

A discussão do que sejam categorias é relativamente nova no escopo da Lingüística. De um modo geral, os lingüistas aceitam a categorização nos moldes clássicos, sem muito questionamento. Entretanto, com as evidências reveladas pelos estudos de Rosch e dos demais autores citados anteriormente tornou-se extremamente necessário fazerem-se investigações sobre categorias em domínios não físicos. A língua é, sem dúvida, um campo fértil para pesquisas sobre --categorias abstratas, uma vez que as categorizações lingüísticas, além de abstratas, são efetuadas inconscientemente.



Segundo Lakoff (1987:180):

Each human language is structured in terms of an enormously complex system of categories of various kinds: phonetic, phonological, morphological, lexical, syntactic, semantic, and pragmatic. Linguistic categories are among the kinds of abstract categories that any adequate theory of human conceptual system must be able to account for. Human language is therefore an important source of evidence for the nature of cognitive categories. Conversely, general results concerning the nature of cognitive categorization should affect the theory of categorization used in theorizing about language.

Muitos lingüistas não aceitam a idéia de que as categorias lingüísticas se estruturam da mesma forma que outras categorias cognitivas. Isto se deve basicamente aos princípios da tradição chomskyana que alegam a existência de uma faculdade autônoma de linguagem, independente dos mecanismos cognitivos genéricos. As evidências contrárias ao pensamento chomskyano normalmente são descartadas pelos teóricos daquela linha de pensamento, sob a alegação de pertencerem ao âmbito do desempenho e não da competência lingüística.

Por outro lado, há lingüistas que atentaram para a necessidade de se trabalhar com a categorização lingüística de uma forma alternativa, tentando escapar ao binarismo imposto pela visão de que a linguagem seja composta por construtos estritamente discretos.

Dentre os trabalhos de maior relevância para a comprovação da aplicabilidade da teoria dos protótipos para a linguagem destacam-se: Lakoff (1977,1987), Ross (1972, 1973a, b,

1974, 1981) e Thompson e Hopper (1980, 1984).

Thompson e Hopper resumiram, de forma clara, a importância da teoria dos protótipos nos estudos de gramática:

It is clear that the concept of prototypicality (the centrality vs. peripherality of instances which are assigned to the same category) plays an important role in the studies of grammar. Theories of language which work with underlying, idealized structures necessarily ignore very real differences, both cross-linguistic and intra-linguistic, among the various degrees of centrality with which a single grammatical category may be instantiated. Even more important, perhaps, are the generalizations which can be made about the discourse functions assigned to central vs. peripheral instantiations of categories (...), since these supply the possibility of a functional explanation for the discriminations made. Thompson e Hopper (1984:707)

Ross demonstrou, em vários de seus artigos, os efeitos prototípicos sofridos pelas categorias sintáticas. Explicitarei, no Capítulo V, com maiores detalhes, os resultados por ele encontrados. Porém é importante conhecerem-se desde já suas principais conclusões, como expostas em Lakoff (1973:271):

- (i) Rules of grammar do not simply apply or fail to apply; rather they apply to a degree.
- (ii) Grammatical elements are not simply members or nonmembers of grammatical categories; rather they are members to a degree.
- (iii) Grammatical constructions are not simply islands or nonislands; rather they may be islands to a degree.
- (iv) Grammatical constructions are not simply environments or nonenvironments for rules; rather they may be environments to a degree.
- (v) Grammatical phenomena form hierarchies which are largely constant for speaker to speaker, and in many cases, from language to language.
- (vi) Different speakers (and different languages) will have different acceptability thresholds along these hierarchies.

Apesar da importância das conclusões a que Ross chegou, elas não estavam inseridas em uma teoria de gramática suficientemente trabalhada para acomodá-las.

Ainda hoje essa teoria não existe, apesar da premência de ser criada. Vejo-me numa situação controversa, pois, apesar de ter consciência da debilidade da categorização clássica, é nela que toda a minha formação acadêmica está embasada e, por isso mesmo, encontro enorme dificuldade ao tentar raciocinar em termos diferentes daqueles a que estou habituada.

George Lakoff em seu artigo "Fuzzy Grammar and the Performance/Competence Terminology Game" (1973) iniciou um projeto de gramática que visava a questionar o modelo de gramática vigente na época e a lançar as bases do que foi denominado *Fuzzy Grammar*. O projeto de Lakoff evoluiu muito desde então, estendendo-se ao campo da filosofia, da lógica e da epistemologia, na busca de um embasamento o mais coerente possível para as teorias linguísticas.<sup>(1)</sup>

A idéia dos *fuzzy sets* foi lançada por Lotfi Zadeh, em 1965, após a observação de categorias graduadas em oposição às categorias clássicas. Um membro de uma categoria graduada pode pertencer a essa categoria numa gradação que varia de 0 a 1. Devido a essa propriedade, pode-se vislumbrar possíveis operações a serem aplicadas a um dado elemento, tendo em vista que ele pode pertencer a mais de uma categoria. Segundo Lakoff (1987:22):

.....  
(1)- Ver Lakoff (1987) para o aprofundamento das idéias deste autor, e dos princípios da Gramática Cognitiva.

Suponha que o elemento  $x$  tenha valor de pertinência  $v$  na categoria  $A$  e valor de pertinência  $w$  na categoria  $B$ .

-Interseção: O valor de  $x$  em  $A \cap B$  é o valor mínimo de  $v$  e  $w$ .

-União: O valor de  $x$  em  $A \cup B$  é o máximo de  $v$  e  $w$ .

-Complementação: O valor de  $x$  no complemento de  $A$  é  $1-v$ .

Lakoff (1973) utilizou a noção de categorias graduadas de Zadeh e aplicou-a à sua teoria de gramática, exemplificando o seu uso através de um estudo sobre advérbios. Observou que é necessário falarmos dos graus de pertinência de um dado elemento em uma categoria gramatical na estrutura de superfície:

Degrees of category membership can be made sense of in global correspondence grammar (Lakoff, 1969) if we make use of the notion of "secondary category"

Lakoff(1970)...

In global correspondence grammar, membership in a secondary category has so far been construed as being a yes-or-no-matter. I suggest that Ross' facts can best be handled by making secondary category membership a matter of degree, dependent on logical category membership and various lower-level derivational factors.

Lakoff (1973:277)

Fuzzy grammars specify the degree to which a given surface structure can be matched with various logical structures. In cases where there is no well-formed (or even partially well-formed) derivation relating a logical structure and a surface structure, we say that a sentence is ill-formed.

Lakoff (1973:286)

---

Concluindo sobre o enfoque da Fuzzy Grammar afirmou:

...the approach to fuzzy grammar that Ross and I are taking,..., is a fundamentally mentalistic approach. We are saying that fuzzy grammar has a mental reality. The judgments that people make, which are matters of degree, are functions, perhaps algebraic functions, of unconscious mental judgments, which are also matters of degree. Lakoff (1973:286)

A *Fuzzy Grammar* aliada à Teoria dos Protótipos evoluiu para o que hoje é conhecido como Gramática Cognitiva (exposta principalmente em Lakoff (1987)). Nesta obra, Lakoff explicita os procedimentos cognitivos essenciais utilizados na categorização das formas linguísticas (metaforização e metonimização), além de propor os Modelos Cognitivos Idealizados.

Creio ser essa abordagem uma "luz" no caminho, ainda obscuro, da categorização linguística. Por isso, ao propor uma análise para os adjetivos não-predicativos nominais, no Capítulo V desta dissertação, utilizarei uma abordagem calcada nos mecanismos cognitivos de categorização.

## 1.2- ADJETIVOS

Como se viu na seção anterior, uma categoria graduada não possui uma fronteira bem delimitada; ao contrário, apresenta uma fronteira "nebulosa" que, muitas vezes, intercepta as fronteiras de outras categorias. Por isso mesmo, um membro de uma categoria graduada sofre uma gradação de pertinência que varia de 0 a 1.

Ross (1973) demonstrou que a categoria substantivo, em inglês, é uma categoria graduada, em que se pode imaginar uma subcategoria com os melhores exemplos (mais prototípicos, grau de pertinência 1) no centro da categoria e os demais, que sofrem os efeitos prototípicos, na periferia.

Os membros mais prototípicos da categoria substantivo são nomes de entidades físicas, os membros não-centrais são entidades abstratas e expressões idiomáticas.

Do estudo de Ross, Lakoff (1987: 290) concluiu que

...although grammatical categories as a whole cannot be given strict classical definitions in semantic terms, their central subcategories can be defined in just that way. The remaining members of each grammatical category can then be motivated by their relationship to the central members.

Prototype theory thus permits us to state the general principles that provide the semantic basis of syntactic categories. In a classical theory of categories, we would be forced to say that there is no semantic basis at all. The reason is that classical categories have a homogeneous structure - there are no prototypes - and everything that is not completely predictable must be arbitrary. Since syntactic categorization is not completely predictable from semantic categorization, a classical theory of categories would be forced to claim, incorrectly, that it is completely arbitrary.

Segundo esse raciocínio de Lakoff, há, para a classe dos adjetivos, um estudo de R. Dixon (1977) - "Where Have All The Adjectives Gone?" -, que objetiva comprovar os primitivos semânticos dessa categoria gramatical, como se verá em uma subseção posterior (1.2.2-D). Procederei, agora, a um histórico da categorização dos adjetivos desde a antiguidade grega até trabalhos lingüísticos recentes, buscando uma elucidação para o

que vem a ser essa classe de palavras.

### 1.2.1- BREVE HISTÓRICO DA CLASSE DOS ADJETIVOS

Os estudos gramaticais cuja tradição se segue no Ocidente tiveram origem na Grécia Antiga por volta do século V A.C. e se concentravam muito mais em questões filosóficas que propriamente lingüísticas.

Platão foi o primeiro filósofo a dividir a oração grega em um elemento verbal e um nominal, com o conseqüente estabelecimento das classes verbo e nome.

Os nomes para Platão eram as palavras susceptíveis de funcionarem como sujeito de uma oração, e os verbos, as susceptíveis de denotar a ação ou qualidade expressa pelo predicado. Assim, a classe dos verbos era formada pelos elementos atualmente denominados de verbos e adjetivos. Lobato (1986:80).

Segundo Maria Helena Moura Neves (1985:234):

está em Platão a primeira divisão das partes do discurso, mas, na verdade, o nome e o verbo platônicos não são propriamente elementos lingüísticos, e Platão nem mesmo os define separadamente; apenas os indica como elementos (*πραττων* e *πραξις*) formadores do *λογος*.

Também Aristóteles opôs o sujeito e seus predicados (Categories, Cap.5), mas baseando-se apenas numa análise calcada em lógica pura e não numa análise lingüística.

Na gramática de Dionísio, o Trácio, não figura a classe dos adjetivos, ela aparece como um caso da classe dos nomes. Sendo esta a gramática mais complexa dos gregos, como obtiveram, então, os latinos a noção da classe dos adjetivos?

Na verdade, também as gramáticas latinas não tratam de uma classe isolada de adjetivos. Tanto Donato quanto Prisciano, eméritos gramáticos latinos, se inspiraram na gramática de Dionísio e, por conseguinte, desconheciam o adjetivo enquanto parte do discurso.

Parece que o traço mais antigo que se pode buscar da separação adjetivo/substantivo está na filosofia escolástica. Nessa escola filosófica, os fatos da língua eram vistos como manifestações de princípios apriorísticos; logo, a separação em classes era considerada um fato a ser analisado como um postulado. Encontra-se no pensamento escolástico o termo *nomem substantivum*, ao qual se opõe o *adjectivum*. Nas palavras de Aquino, em *De Potentia*, 9.6 : "*Nomina substantiva significant per modum substantivae, adjectiva vero per modum accidentis*".

Como se viu nos parágrafos anteriores, apesar de não se poder, com precisão, estabelecer o momento de emergência do termo adjetivo nos manuais de gramática, temos evidências para supor que ela se deu através do pensamento escolástico.



## 1.2.2- OS ADJETIVOS NAS GRAMÁTICAS E NAS TEORIAS MODERNAS

### A) AS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

As gramáticas tradicionais do português normalmente classificam os adjetivos juntamente com os substantivos na classe dos nomes. Tal classificação, entretanto, é feita com base na tradição gramatical, sem serem abordadas questões polêmicas relativas à classificação das palavras. Em capítulo posterior, abordarei a visão sobre os adjetivos de dois gramáticos dessa linha - Barbosa Soares (1830) e Cunha (1976).

### B) AS GRAMÁTICAS ESTRUTURALISTAS

Os estruturalistas adotam os critérios semântico, formal (ou mórfico) e funcional (cf Câmara, 1970:67) na classificação de palavras.

Câmara (1970) caracteriza os adjetivos da seguinte maneira:

(i) Substantivos e adjetivos pertencem à classe dos nomes; entre uns e outros não há em princípio uma distinção de forma, mas apenas de função (determinante/determinado, respectivamente).

(ii) Substantivos e adjetivos têm as mesmas propriedades flexionais de gênero e número, apresentando ligeiras diferenças (adjetivos têm menos flexões).

(iii) Os adjetivos portugueses apresentam comumente uma possibilidade de indicarem por meio de um morfema gramatical, adicional, o alto grau de qualidade que expressam.

(iv) A posição regular do adjetivo determinante, em português, é depois do substantivo determinado.

(Apud Casteleiro, 1970:67)

## C) AS GRAMÁTICAS GERATIVAS

Como reação ao período estruturalista nos estudos lingüísticos, surgiu a gramática gerativo-transformacional. Dentro dessa linha teórica, serão apresentadas as idéias de dois autores: Chomsky e Lakoff.

### -C.1) CHOMSKY

Em seu modelo clássico, Chomsky (1965) estabeleceu o seguinte:

A classe (ou categoria) lexical de cada item é determinada pelas regras de base da sintaxe, também chamadas regras sintagmáticas ou categoriais. A categoria lexical de cada item é, pois, definida ao nível da estrutura básica (ou profunda). Sendo assim, são, por exemplo, adjetivos todos os itens lexicais que podem ser inseridos no lugar de Adj através das seguintes regras categoriais:

a) Sintagma Verbal → Cópula + Sintagma Predicativo

b) Sintagma Predicativo ⇒  $\left\{ \begin{array}{l} \text{SN} \\ \text{ADJ} \end{array} \right\}$

Casteleiro (1981:24)

Premissas às regras supracitadas:

a) Todos os adjetivos são introduzidos na posição predicativa por meio de regras categoriais do tipo das mostradas acima.

b) Os adjetivos na posição de epíteto (ou atributo), pré-nominal ou pós-nominal, são derivados por meio de transformações a partir da posição predicativa.

c) Os adjetivos epítetos derivam de sintagmas predicativos que se inserem na configuração estrutural das frases relativas.

d) O léxico, associado à base da sintaxe, inclui uma lista não ordenada de itens classificados com o traço sintático /+Adj/.

Com as mudanças sofridas pela teoria gerativista ao longo do tempo, as definições utilizadas para as categorias lexicais também foram se alterando. Da atual Teoria da Regência e Vinculação faz parte o módulo X', onde a variável X representa as categorias lexicais N, V, A e P.

A vantagem da teoria X' sobre a sintaxe de regras sintagmáticas, segundo Lobato (1986:288) é a que se segue:

Só ela exige que o núcleo de uma dada categoria sintagmática tenha a categoria lexical correspondente como elemento obrigatório de re-escrita. Isto é, só ela evita regras como  $SN \Rightarrow V$ ,  $SV \Rightarrow \text{Art. N}$ . Ela o evita ao usar o mesmo símbolo X à esquerda e à direita da regra:

$$X^n \Rightarrow \dots X^{n-1} \dots$$

Nesse mesmo quadro teórico, as categorias lexicais são expressas através da combinação de dois traços distintivos: [N] e [V].

Assim, os adjetivos são definidos, em Chomsky (1982), como:

A = [+N / +V],

ao lado de:

V = [-N / +V],

N = [+N / -V], e

P = [-N / -V].

#### -C.2) LAKOFF

Como foi dito anteriormente, na seção 1.2.1, os adjetivos, na antigüidade grega, foram classificados juntamente com os verbos na categoria dos predicados. Essa mesma proposta foi defendida por Kirkby (1746), em A New English Grammar, e por James Harris (1751), em Hermes.

Lakoff (1970) retoma essa mesma hipótese, no quadro teórico da Semântica Gerativa (ou Sintaxe Abstrata). Sua tese é a de que, no nível da estrutura de base, os adjetivos e os verbos não são constituintes distintos.

Essa hipótese está inserida em uma proposta maior de que há classes lexicais ou categorias sintáticas que só existem no nível de superfície em algumas línguas, ou seja, o número de classes lexicais, no nível de superfície pode variar de língua

para língua, mas, no nível de estrutura de base, o número de classes é idêntico para todas as línguas do mundo.

Lakoff deu o nome de VERB a essa categoria profunda, que, no nível de superfície pode se viabilizar como verbo ou adjetivo, dependendo da marcação do traço [+/- adjetivo].

Na prática, um verbo, no nível de superfície, apresenta a marcação [+verbo] e [-adjetivo], enquanto um adjetivo, no mesmo nível, é expresso por [+verbo] e [+adjetivo].

Lakoff utiliza nove argumentos para substanciar sua hipótese. São eles:

(i) Há relações gramaticais idênticas entre os verbos/adjetivos e os seus respectivos sujeitos e objetos.

(ii) Os adjetivos e os verbos aceitam as mesmas restrições de seleção.

(iii) Assim como existem verbos de ação e verbos de estado, igualmente existem adjetivos de ação e adjetivos de estado.

(iv) Tanto verbos (participios verbais) quanto adjetivos aceitam as regras transformacionais de Apagamento de que-(ser + estar) e de Anteposição de Adjetivo.

(v) Verbos e adjetivos suportam as mesmas nominalizações.

(vi) Há uma regra transformacional que permuta o sujeito e o objeto de verbos e adjetivos (flip).

Exemplos:

- a. What he did amused me.
- a'. I was amused at what he did.
- b. I enjoy movies.
- b'. Movies are enjoyable to me.

(vii) Há uma regra que suprime objetos pronominais indefinidos, que se aplica tanto aos verbos quanto aos adjetivos.

Exemplos:

- a. John is eating [something].
- b. Vacations are pleasant [to anyone].

(viii) Tanto os adjetivos quanto os verbos podem ser transformados em nomes agentivos.

Exemplos:

- a. He is foolish.
- a'. He is a fool.
- b. John destroys houses.
- b'. John is a destroyer of houses.

(ix) Tanto os verbos quanto os adjetivos admitem os mesmos tipos de estruturas completivas.

D) UMA ABORDAGEM SEMANTICA PARA OS ADJETIVOS:

DIXON (1977)

Para escrever seu trabalho, Dixon partiu de uma extensa pesquisa, em que observou a classe dos adjetivos em muitas línguas.

Chegou à conclusão de que uma classe de palavras pode ser reconhecida numa dada língua segundo critérios sintáticos e morfológicos. O reconhecimento interlingüístico de uma classe de palavras, porém, deve ser feito levando-se em conta não apenas critérios sintáticos, mas também semânticos.

Através de uma análise interlingüística, constatou que há línguas que não possuem uma classe aberta de adjetivos e outras há que não apresentam uma classe de adjetivos de forma alguma. Ele se perguntou, então, como seriam expressos, naquelas línguas, conceitos que em português, por exemplo, aparecem sob a forma de adjetivos. Os resultados encontrados por ele são curiosos. No chinês, conceitos adjetivais expressam-se através de verbos intransitivos; em hausa através de substantivos e verbos; em chinook além de substantivos e verbos, são usadas partículas.

Dixon observou também que, em línguas que possuem uma classe aberta de adjetivos, o conteúdo semântico dessa classe de palavras mantém-se bastante constante numa comparação interlingüística. Dessa forma, um adjetivo do português, normalmente, traduz-se bem para um adjetivo do inglês.

Ao comparar 20 línguas que possuem um número restrito de

componentes para a classe dos adjetivos, Dixon obteve o seguinte resultado:

ADJETIVOS MAIS ENCONTRADOS

. . . .

A. TAMANHO:	grande (20 línguas) / pequeno (19 línguas)
B. COMPRIMENTO:	longo (14 línguas) / curto (15 línguas)
C. IDADE:	novo (15 línguas) / velho (14 línguas)
D. QUALIDADE:	bom (13 línguas) / ruim (14 línguas)
E. COR:	branco (14 línguas) / preto (13 línguas)
	vermelho ( 8 línguas) / verde ( 7 línguas)

Esses dados revelam que, entre as línguas que possuem uma classe fechada de adjetivos, há uma grande homogeneidade de significado para os itens encontrados.

A premissa básica do trabalho de Dixon está exposta no parágrafo abaixo:

We suggest that the lexical items of a language fall into a number of "semantic types" (each item belonging to just one type). The division into types can be justified in terms of the syntactic/morphological properties of the members of each type; in addition, a non-disjunctive definition can be given for the overall semantic content of each type. These types are almost certainly linguistic universals. By this we mean that each language has the same array of types, with more-or-less the same overall semantic contents; however, the morphological/syntactic properties associated with particular types will vary from language to language, and must be learnt for each individual language.



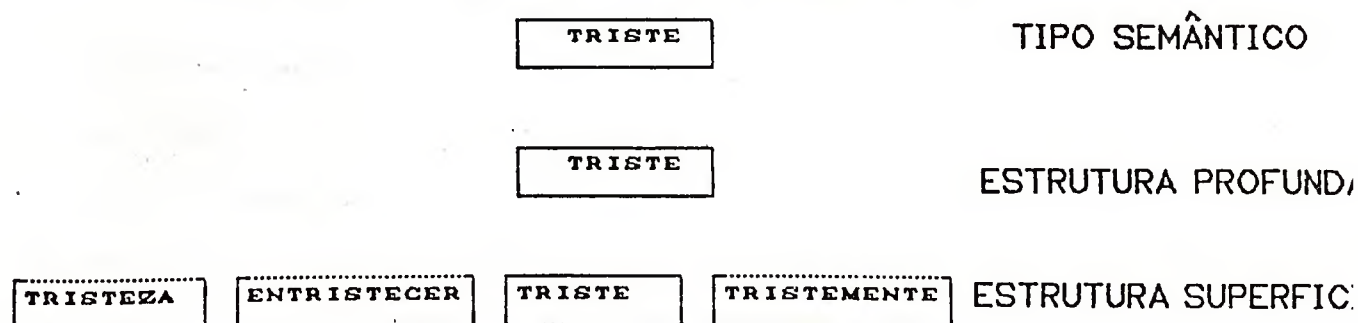
Segundo ele, cada tipo semântico tem uma conexão básica com uma única classe de palavras; então, cada membro daquele tipo semântico pertence a uma classe correspondente. Os casos em que um membro de um tipo semântico se associa a mais de uma classe de palavras são explicados através de derivações de extensão, ou seja, cada item lexical está associado a um, e somente a um, tipo semântico. Porém cada item de um tipo semântico pode estar associado a mais de um item lexical. Veja-se um exemplo a seguir.

Considere-se o caso do item TRISTE. Esse item pertence ao tipo semântico PROPENSÃO HUMANA. No nível de estrutura profunda, TRISTE pertence à classe dos adjetivos; no entanto, na estrutura superficial, o item profundo TRISTE pode-se manifestar em mais de uma classe de palavras. Ter-se-ia então:

- a) Adjetivo (prototípico): triste
- b) Substantivo: tristeza
- c) Verbo: entristecer
- d) Advérbio: tristemente

onde b, c e d são obtidos por derivações de extensão.

Numa organização diagramática, observar-se-ia:



Pode-se deduzir do exemplo acima que um item pertence a uma única classe no nível profundo, mas pode pertencer a várias classes no nível superficial.

Como já foi salientado, nem todas as línguas possuem o mesmo conjunto de classes de palavras, e, uma vez que Dixon estabeleceu que os tipos semânticos são universais lingüísticos, pode-se concluir que estes devem estar associados a diferentes partes do discurso, em línguas igualmente diferentes.

Então, a proposta de Dixon pode ser resumida como se segue.

Existem três níveis de descrição:

(i) Nível semântico universal: os mesmos tipos semânticos estão presentes em todas as línguas.

(ii) Nível básico ou profundo: um item lexical pertence a um único tipo semântico, o qual se associa a uma única classe profunda de palavras.

(iii) Nível superficial: um item lexical pode figurar em mais de uma classe de palavras através da aplicação de mecanismos derivacionais.

O autor conclui, finalmente, que os adjetivos da língua inglesa podem ser distribuídos em sete tipos semânticos. São eles:

- 1- DIMENSÃO: grande, pequeno, grosso, fino...
- 2- PROPRIEDADE FÍSICA: duro, mole, pesado, leve....
- 3- COR: azul, amarelo, branco...
- 4- PROPENSÃO HUMANA: feliz, inteligente, generoso...
- 5- IDADE: novo, velho...
- 6- VALOR: bom, ruim, perfeito, puro....
- 7- VELOCIDADE: veloz, lento....

Mello (1989-inédito) discute a existência dos mesmos sete tipos semânticos para a classe dos adjetivos no português.

### 1.3 - SUMARIO.

Neste capítulo abordaram-se diferentes propostas a respeito da categorização linguística e fez-se uma retrospectiva levando em conta a categorização dos adjetivos.

Do que foi demonstrado, pôde-se concluir que não há, efetivamente, uma definição para o que seja um adjetivo.

Optarei por privilegiar, nesta dissertação, uma análise calcada em tipos semânticos primitivos, como faz Dixon (1977), aliada à Teoria dos Protótipos. Farei uma aproximação dos adjetivos não-predicativos nominais levando em conta traços definitórios de um protótipo adjetival, dada a não-existência de um modelo de definição ideal para os adjetivos.

## CAPITULO II - O QUE SÃO TODOS ESSES ADJETIVOS?

O primeiro objetivo deste capítulo é fazer um levantamento dos itens lexicais conhecidos como adjetivos "problemáticos", ou seja, aqueles adjetivos que não poderiam ser chamados de representantes mais prototípicos da classe em que estão inseridos.

Esses adjetivos diferem dos adjetivos prototípicos, basicamente, devido às seguintes características:

- dentro do modelo de análise da Teoria Padrão de Chomsky (1965), eles não aceitam a origem derivada da redução de orações relativas;
- em termos morfo-sintáticos são anômalos porque, normalmente, não aceitam função predicativa nem intensificação;
- semanticamente, têm seu sentido derivado de tipos primitivos nominais ou adverbiais e não de tipos primitivos adjetivais.

Farei uma análise genérica para várias ocorrências de adjetivos "problemáticos", detendo-me, com especial atenção, nos adjetivos não-predicativos nominais.

### 2.0 - OS ADJETIVOS "PROBLEMATICOS"

O modelo teórico proposto por Chomsky (1965) prevê serem os adjetivos pós-nominais (no caso do português) derivados de orações relativas, através de um processo de redução (WHIZ

Deletion e Adjective Preposing). O mesmo modelo aceita a ocorrência de algumas poucas exceções a essa regra, as quais estariam ligadas, na sua origem, a advérbios e não a orações relativas.

Segundo Berman (1973), a hipótese da redução de relativas como origem para os adjetivos atributivos capta uma grande generalização, uma vez que é consequência desse tipo de análise admitir-se que tanto as colocações substantivo-adjetivo quanto as suas orações relativas correlatas têm, aproximadamente, o mesmo significado e sofrem as mesmas restrições seletivas.

Se não se adotasse esse ponto de vista, ter-se-ia que considerar uma coincidência o fato de, nos exemplos 2. e 3. abaixo, a construção de substantivo-adjetivo só ser semanticamente aceitável quando a sua oração relativa correspondente for boa também:

- 2.(a) grama que é verde
- (b) grama verde
- 3.(a) \* grama que é faminta
- (b) \* grama faminta

Entre as exceções à regra de redução de relativas aceitas pela Teoria Padrão de 1965, pode-se ter, primeiramente, a seguinte construção:

4.(a) uma catástrofe virtual

(b) \* uma catástrofe que é virtual.

A análise que tradicionalmente se faz de adjetivos do tipo de virtual é que eles derivam de advérbios - no exemplo dado, do advérbio virtualmente. Entretanto, nenhuma análise foi proposta para um segundo tipo de "exceção" que ocorre na classe dos adjetivos. Eis uma exemplificação deste caso:

5.(a) a razão primária

(b) a tentativa inicial

Dentro do modelo da Teoria Padrão, não há adjetivos pré-nominais (no inglês) gerados na base - eles são sempre derivados de uma oração relativa ou de um advérbio.

Berman (1973) argumenta que há alguns tipos de adjetivos que são subjacentes e que algumas das construções substantivo-adjetivo têm *status* de itens lexicais compostos. Esta proposta será analisada um pouco mais tarde neste capítulo.

## 2.1 - ADJETIVOS RELACIONADOS COM ADVERBÍOS

A) Os exemplos a seguir não cabem dentro de uma análise que deriva adjetivos de orações relativas; tudo indica que eles têm sua origem relacionada com advérbios.

- 6.(a) um candidato potencial - ( ? um candidato que é potencial)
- (b) uma melhoria definitiva - ( ? uma melhoria que é definitiva)
- (c) um acordo tácito - ( ? um acordo que é tácito)

**ADVERBIOS CORRELATOS:**

- 7.(a) ele é um candidato, potencialmente
- (b) isto é uma melhoria, definitivamente
- (c) \* este é, tacitamente, um acordo

Não me parece razoável dizer que os advérbios em 7.(a), (b) e (c) realmente dão origem aos adjetivos em 6.(a), (b), e (c). Creio ser precipitado fazer uma afirmação categórica sobre a relação entre os adjetivos e advérbios exemplificados acima. Há muitos outros exemplos que não mostram claramente a relação semântica entre o adjetivo e o seu suposto advérbio correlato. Vejam-se alguns deles:

- 8.(a) Virgínia deu uma contribuição real para o nosso trabalho.
- (b) Queremos uma solução definitiva para o problema.

Talvez se pudesse vislumbrar um paralelismo de significado entre os adjetivos de 8.(a) e (b) e os advérbios de 9.(a) e (b) e de 10.(a) e (b). Porém, através de testes, comprovei que nem todos

os falantes de português testados aceitam as "paráfrases" adverbiais propostas.

. . .

9.(a) Virgínia deu, realmente, uma contribuição para o nosso trabalho.

(b) Queremos, definitivamente, uma solução para o problema.

10.(a) O que Virgínia deu foi realmente uma contribuição para o nosso trabalho.

(b) O que nós queremos é definitivamente uma solução para o problema.

Cerca de 70% das pessoas testadas com as paráfrases adverbiais dos adjetivos de 8. preferiram as orações propostas em 10. Esse resultado mostrou-me que não se pode estabelecer, com precisão, um paralelismo semântico entre adjetivos e advérbios correlatos. Além disso, observei que não há grandes regularidades nas ocorrências dos advérbios do tipo exemplificado em 9. e 10. Algumas vezes, eles vêm separados por vírgulas do restante da oração, outras vezes não; nem sempre fazem sentido quando usados em paráfrases de orações contendo adjetivos correlatos, enfim, são um grande mistério.

Há casos semelhantes a 7. que não têm, absolutamente, construções substantivo-adjetivo correlatas:



11.(a) Elas são, definitivamente, estrangeiras.

(b) ? Elas são estrangeiras definitivas.

12.(a) Isto é, basicamente, um erro.

(b) ? Isto é um erro básico.

(?) na leitura desejada.

Berman (1973) salienta que as restrições envolvidas na possibilidade de um advérbio tornar-se um adjetivo em construções substantivo-adjetivo se devem tanto ao tipo de advérbio quanto ao tipo de substantivo envolvidos, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

13.(a) uma melhoria, definitivamente + uma melhoria definitiva

(b) uma amigo definitivamente # ?um amigo definitivo

(c) uma melhoria, claramente + uma melhoria clara

(d) um amigo claramente # ??um amigo claro

B) Hall (1973) discute um tipo de adjetivo, relacionado com advérbios, a que ele chamou de *epíteto transferido*. Vejam-se alguns exemplos:

14.(a) Irene nunca ganhou um centavo honesto.

(b) Irene nunca ganhou um centavo honestamente.

. . .

15.(a) Sérgio tomou um banho rápido.

(b) Sérgio tomou um banho rapidamente.

Enquanto os adjetivos, nos exemplos 14.(a) e 15.(a), soam normalmente, em 16.(a), a seguir, não tem boa aceitabilidade:

16.(a) ? Ricardo lavou uma panela rápida

(b) Ricardo lavou uma panela rapidamente.

Por que a diferença de aceitabilidade entre os exemplos 15.(a) e 16.(a)?

A sugestão de Háj Ross (comunicação pessoal) para explicar essa questão reside na possibilidade de ser um banho em 15.(a), um objeto interno; logo: tomar um banho = banhar-se. Por outro lado, esse mesmo procedimento não se aplica a lavar uma panela em 16.(a) : lavar uma panela # ??? Verbo.

De fato, essa hipótese parece se confirmar em outras construções do tipo de:

. fazer uma compra = comprar

. fazer uma visita = visitar.

## 2.2 -ADJETIVOS DE ORIGEM NOMINAL

### A)ADJETIVOS DERIVADOS DE SUBSTANTIVOS

Berman (1973) pesquisou vários grupos de adjetivos que não aparentavam derivar-se nem de orações relativas, nem de advérbios, mas sim de substantivos.

Farei uma listagem semelhante para os adjetivos do português. Nos exemplos que mostrarei, a derivação dos adjetivos não é nada aparente. No capítulo IV, traçarei uma proposta/tentativa para essa derivação. Por agora, ficarei apenas com a análise dos exemplos coletados. ( A divisão dos exemplos em grupos será feita de acordo com o desdobramento que darei posteriormente às combinações substantivo-adjetivo através de paráfrases na forma de substantivo-prep-substantivo.)

Observem-se as seguintes combinações:

- |                               |  |
|-------------------------------|--|
| 18.(a) serviço público        | ( ?serviço que é público)                |
| (b) eleições presidenciais    | ( ?eleições que são<br>presidenciais)    |
| (c) ementa constitucional     | ( ?ementa que é<br>constitucional)       |
| (d) contribuições caritativas | ( ?contribuições que são<br>caritativas) |
| (e) candidato presidencial    | ( ?candidato que é presidencial)         |

- 19.(a) apoio popular ( ?apoio que é popular)  
(b) ajuda federal ( ?ajuda que é federal)  
(c) perdão fiscal ( ?perdão que é fiscal)  
(d) políticos regionais ( ?políticos que são regionais)  
(e) reserva indígena ( ?reserva que é indígena)  
(f) decisões governamentais ( ?decisões que são governamentais)
- 20.(a) habilidade administrativa ( ?habilidade que é administrativa)  
(b) futuro político ( ?futuro que é político)  
(c) gênio matemático ( ?gênio que é matemático)  
(d) gênio financeiro ( ?gênio que é financeiro)
- 21.(a) controle científico ( ?controle que é científico)  
(b) princípios genéticos ( ?princípios que são genéticos)  
(c) comunidade científica ( ?comunidade que é científica)  
(d) perspectiva histórica ( ?perspectiva que é histórica)  
(e) mecanismos reprodutivos ( ?mecanismos que são reprodutivos)  
(f) controle ambiental ( ?controle que é ambiental)  
(g) capacidade adaptativa ( ?capacidade que é adaptativa)
- 
-

Nos exemplos de 18. a 21., as paráfrases feitas através de orações relativas não são adequadas. No entanto, se os adjetivos exemplificados forem parafrazeados através de sintagmas preposicionais, obter-se-á um resultado mais satisfatório.

Vejam-se:

22.(a) serviço para o público / serviço ao público

(b) eleições para presidente

(c) ementa para a constituição

(d) contribuições para caridade

(e) candidato para a presidência / candidato à presidência

23.(a) apoio do povo

(b) ajuda da federação

(c) perdão do fisco

(d) políticos de regiões

(e) reservas dos índios

(f) decisões do governo

24.(a) habilidade em administração

(b) futuro em política

(c) gênio em matemática

(d) gênio em finanças

---

---

- 25.(a) controle da ciência
- (b) princípios de genética
- (c) comunidade de ciência
- (d) perspectiva da história
- (e) mecanismos de reprodução
- (f) controle do ambiente
- (g) capacidade de adaptação

Apesar da possibilidade de se reescrever os adjetivos exemplificados como SPrep, segundo Berman (1973) seria precipitação afirmar-se que o SPrep se transforma em adjetivo, uma vez que não há uma regularidade na forma morfológica dos adjetivos e há inúmeros casos de SPrep's que não têm correlatos na forma de adjetivos. Mesmo quando existe a representação morfológica para o adjetivo correlato, pode ser que ela não combine com o N do SN dominante. Por exemplo:

26.(a) promulgação da constituição

?promulgação constitucional

(b) revisão de física

?revisão física

(c) reserva de mercado

?reserva mercadológica

(d) política de preços

?política precista

Em alguns casos, uma dada forma ocorre ora como SPrep, ora como adjetivo:

27.(a) carro do presidente

carro presidencial

(b) filha do presidente

\*filha presidencial

28.(a) leis da física

leis físicas

(b) progressos da física

\*progressos físicos

29.(a) amor do irmão

amor fraterno

(b) casa do irmão

\*casa fraterna

A primeira vista, parece caótica a possibilidade de se fazer ou não uma paráfrase através de SPrep para os adjetivos exemplificados. Berman (1973) afirma ser possível fazerem-se algumas generalizações tanto morfológicas quanto semânticas, porém nada no nível sintático:

...it is clear that these generalizations, which seem to have to do with thematic (i.e. semantic) relations rather than grammatical or structural relations, are not to be captured by syntactic rules. It is probable that the rules of formation, which undoubtedly ultimately refer to thematic relations between semantic predicates

and arguments, predict the semantic "possibility" of adjective+noun collocations on the one hand, and the particular preposition in the related prepositional phrases on the other.

...however; such semantic "possibility", or "well-formedness" is not sufficient to ensure the existence of an adjective-noun pair. The existence of such "accidental gaps", and the fact that different types of prepositional phrases (i.e. with different thematic relations obtaining between their members) map onto formally indistinguishable adjective+noun pairs, are both phenomena characteristic of the lexicon. Exact parallels can be found in the formation of compounds. For example, the semantic relations between fire and fly in firefly are quite different from those between fire and fighter in firefighter; nor does air bear the same semantic import in any of airplane, airrade, air-conditioner...These parallels, together with the high incidence of morphological idiosyncrasy in the modifier-noun constructions under discussion, make it more than plausible that they are created by lexical and not syntactic processes.

Berman (1973:164-165)

Ver-se-á no Capítulo IV, o processo sintático proposto por Levi (1976) para a derivação dos adjetivos exemplificados nesta seção, através do qual questiona a afirmação de Berman acima citada. Por enquanto, não serão discutidas questões teóricas, mas continuar-se-á com o processo de análise dos dados que interessam neste capítulo.



B) MODIFICADORES QUE SÃO SUBSTANTIVOS

Normalmente a regra que transforma orações relativas em adjetivos não se aplica se o elemento pós-cópula for um substantivo. Porém é possível encontrarem-se contra-exemplos:

30.(a) investidores que são rivais

(b) investidores rivais

31.(a) um imperador que é um menino

(b) um imperador menino ( apud Perini, 1989)

32.(a) um jejum que é um ritual

(b) um jejum ritual

O que se pode concluir disso é que há compostos N-N que parecem derivar de orações relativas.

Testa-se a nominalidade do elemento pós-cópula, nesses casos, através de um mecanismo simples - esse elemento não aceita intensificação. Observem-se:

33.(a) ?investidores muito rivais

(b) ?imperador muito menino ( ? ) na leitura desejada

(c) ? jejum muito ritual

Berman (1973) sugere que os pares de substantivo-substantivo exemplificados acima devam ser tratados da mesma forma que os substantivos compostos do tipo:

- 34.(a) homem-rã
- (b) mico-leão
- (c) papel-alumínio

Uma outra circunstância em que um substantivo ocorre na função de modificador pode ser observada nos exemplos abaixo:

- 35.(a) saia Chanel
- (b) pasta James Bond
- (c) cabelo Príncipe Valente

Os exemplos em 35. podem ser parafraseados como:

- 36.(a) saia no estilo Chanel
- (b) pasta no estilo de James Bond
- (c) cabelo no estilo do Príncipe Valente

#### C) OS ADJETIVOS PATRIOS

Os adjetivos pátrios ocorrem frequentemente na função de modificador:

37.(a) a bandeira brasileira

(b) a vodka russa

(c) a invasão alemã

Segundo Postal (1969,a), em construções como as de 38., em que o núcleo do SN é um substantivo deverbal, o modificador deriva de uma nominalização, como mostrado em 39:

38.(a) a reação palestina

(b) a promessa turca

39.(a) a reação palestina // a Palestina reagiu

(b) a promessa turca // a Turquia prometeu

Berman (1973) aceita a hipótese de Postal (1969) com restrições, porque, segundo ela, construções como as de 40 não podem ser derivadas nem de orações relativas, nem de nominalizações:

40.(a) humor britânico

(b) piadas portuguesas

(c) burocracia soviética

(d) disciplina espartana

Se se desdobrar 40 em orações relativas e em SPrep's obter-se-ão:

. . .

- 41.(a) ?humor que é britânico
- (b) ?piadas que são portuguesas
- (c) ?burocracia que é soviética
- (d) ?disciplina que é espartana

- 42.(a) humor da Grã-Bretanha
- (b) piadas de Portugal
- (c) burocracia da União-Soviética
- (d) disciplina de Esparta

Berman (1973) rejeita a análise de Postal (1969), pois considera ser incorreta a proposta de nominalização dos modificadores por este sugerida. Segundo ela, a leitura que se faz de exemplos como os de 40. é sempre metafórica, como sugerido nos exemplos em 43.

- 43.(a) O Brasil ainda continua com essa terrível burocracia soviética nas repartições públicas.
- (b) Dizem que os operários no Japão seguem uma disciplina espartana.

Berman conclui que uma proposta transformacional de derivação para os adjetivos exemplificados seria inadequada. E defende uma proposta lexicalista para os adjetivos mostrados nesta subseção, com base nas seguintes evidências:

- a) idiossincrasias semânticas e morfológicas presentes nas colocações substantivo-modificador apresentadas;
- b) produtividade marginal de alguns tipos;
- c) característica idiomática de alguns outros.

Creio não ser pertinente a crítica de Berman (1973) a Postal (1969), porque o processo de derivação de uma dada estrutura não tem que, necessariamente, explicitar todos os sentidos idiomáticos que essa dada estrutura possa assumir. Especialmente quando se trata de usos metafóricos, sabe-se que há fatores pragmáticos determinantes que interferem na sua estruturação. Além disso, o uso metafórico, hoje, é visto como um processo cognitivo envolvido com as categorizações que se fazem de conceitos, juntamente com a estruturação dos espaços mentais (Fauconnier, 1985 / Lakoff, 1987), processo que ultrapassa sobremaneira a estruturação lingüística de uma dada forma para permitir que esta seja tomada como único parâmetro de sua análise semântica. No Capítulo V, mostrarei como as expansões metafóricas atuam sobre os adjetivos oriundos de substantivos, alterando-lhes não apenas o comportamento semântico, mas também o comportamento

sintático.

### 2.3- OS ADJETIVOS NÃO-PREDICATIVOS

Os adjetivos não-predicativos são aqueles que, normalmente, não ocorrem em função predicativa e, se o fazem, necessitam de condições contextuais altamente especializadas.

Muitos dos exemplos que já foram mostrados neste capítulo integram a subcategoria dos adjetivos não-predicativos. Estes, assim como os demais adjetivos "problemáticos", não podem resultar de uma transformação de redução de oração relativa. Segundo Levi (1973), há alguns casos em que o desdobramento dos adjetivos não-predicativos em oração relativa é até possível, mas o sentido do adjetivo na função atributiva não é o mesmo que na função predicativa, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

- 44.(a) engenheiro civil # um engenheiro que é civil  
(b) sistema nervoso # um sistema que é nervoso  
(c) falácia lingüística # uma falácia que é lingüística.

Na maior parte dos exemplos que serão aqui analisados, no entanto, a derivação através de relativas parece ser agramatical. De onde, então, vêm esses adjetivos?

Levi (1973) propõe que alguns derivam de substantivos e outros de advérbios, isto é, no nível profundo, os modificadores aqui apresentados não seriam adjetivos primitivos (predicados lógicos), como belo ou feliz, mas sim, substantivos ou advérbios profundos (argumentos lógicos) na estrutura semântica. O processo que transforma substantivos e advérbios em adjetivos é descrito por Levi (1976). Neste meu estudo, só me preocuparei com os adjetivos não-predicativos nominais.

#### 2.4 - OS ADJETIVOS NÃO-PREDICATIVOS NOMINAIS

Adotarei, a partir de agora, a sigla ANP's para designar os adjetivos não-predicativos nominais.

Veja-se em que se baseia Levi (1973) para afirmar que os adjetivos nos exemplos da coluna I abaixo são denominais. Segundo ela, a maior evidência está na relação que se estabelece entre N+ANP e entre N+(de)+N, que é idêntica.

Coluna I

Coluna II

N+ANP . . .

N+(de)+N

45.(a)engenheiro agrônomo

engenheiro de minas

(b)pesquisa espacial

pesquisa de mercado

(c)associação médica

associação dos engenheiros

(d)doença mental

doença do baço

(e)explorador marítimo

explorador de rios

No português, normalmente, a relação do caso genitivo é expressa através da construção N+de+N ( no inglês, por N's+N) onde a preposição de estabelece a relação entre os dois N's.

Referindo-se ao paralelismo entre estruturas N+Adj e N+N no inglês, Levi(1973:334), diz:

...My claim is that both the logical structure of those two NP's, and their derivations are precisely parallel, up to the point where certain compound-initial nouns are converted into derived surface adjectives. I must leave for another time an investigation of the derivational processes that produce these compound nominals, whether in N+N or Adj+N form. It seems clear, however, that they must involve an underlying proposition whose predicate and arguments get cut down and packaged up into a nominal compound (or in some cases, a genitive construction), usually with a certain amount of semantic material deleted. But the precise mechanism of the packaging process and the constraints on its deletions remain to be worked out in more satisfying detail.



Quanto ao fato de haver estruturas N+de+N que se apresentam sob a forma de N+Adj e outras que não podem fazê-lo, a explicação é simplesmente fornecida pela lista do léxico<sup>(4)</sup>, ou seja, em alguns casos, o léxico do português possui adjetivos correspondentes à estrutura de+N, em outros, não.

Como evidências que amparam a hipótese levantada por Levi (1973), serão mostrados cinco testes propostos por essa autora, que não se aplicam aos adjetivos prototípicos, mas apenas a ANP's ( e a substantivos).

Os ANP's

A) apresentam a impossibilidade de serem modificados por  muito,  bastante ou outros advérbios de grau;

B) só aceitam ser coordenados a ANP's ou a construções Prep+Substantivo;

C) podem aparecer após quantificadores;

D) podem ser categorizados através dos traços semânticos do tipo de: [+/- definido], [+/- concreto], [+/- animado], [+/- humano], e [+/- comum];

E) entram em relações de caso, tais como agentivo, objetivo, locativo, possessivo e instrumental.

.....  
(4) Para Bolinger (1967:31):

"There seems to be no good reason, for example, why the Civil War had noun + noun' Union Forces on one side and adj. + noun Confederate Forces on the other, or any reasons besides speech level why a man with a tin hat uses construction materials while one with a cap and gown uses instructional materials --word-formation is a transformational wilderness. We say a medical doctor for 'a doctor' but not a dental man nor a surgical man for 'a dentist' or 'a surgeon'. We keep a dental appointment and a medical appointment with a dentist and a doctor, but not \*electrical appointment with an electrician. There are legal minds in the law, but not \*botanical minds among botanists."

Vejam-se, agora, a aplicabilidade dos testes acima propostos.

O argumento A) diz que os adjetivos não-predicativos não aparecem com advérbios de grau, assim como os substantivos.

ANP's	Adjetivos Predicativos
46.(a) *guerrilhas muito urbanas	guerrilhas muito destrutivas
(b) *danos muito físicos	danos muito extensos
(c) *um engenheiro muito químico	um engenheiro muito bom
(d) *sistema muito digestivo	sistema muito eficiente

O argumento B) apregoa a possibilidade de coordenarem-se ANP's e estruturas de+N. A coordenação entre ANP's e adjetivos prototípicos é impossível.

47.(a) Ele é engenheiro mecânico e de minas.

\*triste.

(b) Estes são estudos lingüísticos e de psicologia.

\*detalhados.

(c) Aquele é um jornal literário e de línguas.

\*respeitado.

O argumento C) prevê a possibilidade de os ANP's, em alguns casos, serem quantificados, assim como os substantivos, processo este que não se aplica a verbos e a adjetivos mais prototípicos.

Substantivos	ANP's	Adjetivos predicativos
48.(a) monogamia	monocromático	*monoalto
(b) bípede	binacional	*bifeliz
(c) triângulo	triconsonantal	*triforte

Segundo o argumento D), os ANP's devem partilhar de, pelo menos, alguns traços semânticos usados na classificação dos substantivos. Esses traços são: [+/- definido], [+/- concreto], [+/- animado], [+/- humano], [+/- comum]. (Esse argumento não me parece muito convincente; não creio terem sido os traços semânticos bem escolhidos por Levi).

49.(a) [+definido]: americano, mineiro, brasileiro

[-definido]: nacional, rural, urbano.

(b) [+concreto]: aquático, submarino, terrestre

[-concreto]: dramático, constitucional, linguístico.

(c) [+animado]: senatorial, felino, presidencial

[-animado]: rural, elétrico, acústico.

. . .

(d) [+humano]: presidencial, papal, atlético

[-humano]: bovino, etnográfico, antropológico

(e) [+comum]: mensal, urbano, musical

[-comum]: brasileiro, getulista, espanhol.

Segundo Levi (1973), pode-se estabelecer um paralelo claro entre a aplicabilidade desses traços semânticos aos ANP's e aos seus substantivos de origem:

50.(a) perdão do papa / perdão papal

\*perdão do boi / \*perdão bovino

(b) intuição de mulher / intuição feminina

\*intuição do Brasil / \*intuição brasileira

(c) decisão do presidente / decisão presidencial

\*decisão do gato / \*decisão felina

O argumento E) prevê que os ANP's participam das relações de caso normalmente atribuídas apenas a SN's. As relações de caso devem ser atribuídas na estrutura profunda, por isso devem ser analisadas levando-se em conta as proposições das quais os ANP's são derivados. Vejam-se os seguintes exemplos:

### Caso Agentivo

- |                             |                           |
|-----------------------------|---------------------------|
| 51.(a) decisão presidencial | < decisão do presidente > |
| (b) prescrição médica       | < prescrição do médico >  |
| (c) perdão papal            | < perdão do papa >        |

### Caso Objetivo

- |                            |                            |
|----------------------------|----------------------------|
| 52.(a) dano físico         | < dano ao físico >         |
| (b) estudos oceanográficos | < estudos dos oceanos >    |
| (c) emenda constitucional  | < emenda da constituição > |

**Caso Locativo**

- 53.(a) vida marinha (vida no mar)  
(b) trânsito urbano (trânsito na cidade)  
(c) vida campesina (vida no campo)

**Caso Possessivo**

- 54.(a) intuição feminina (intuição de mulher)  
(b) instinto maternal (instinto de mãe)  
(c) agilidade felina (agiliadade de gato)

**Caso Instrumental**

- 55.(a) gerador solar (gerador que utiliza a energia solar)  
(b) trabalho manual (trabalho feito pelas mãos)  
(c) calculadora elétrica (calculadora que utiliza energia elétrica)

## OUTRAS NOMENCLATURAS PARA OS ANP'S

Os adjetivos que até agora tenho chamado de ANP's costumam receber outras denominações. Como se verá no Capítulo III, Paul Postal chamou-os de Pseudo-Adjetivos. Bally (1944:122) denominou-os de Adjetivos de Relação:

Les adjectifs de relation purs se distinguent par leur traitement syntaxique (...), des adjectifs proprement dits. Ils équivalent si bien à un complément du nom (polaire = du pôle) qu'il leur est impossible de prendre la fonction prédicative; il serait absurde de dire "cette étoile est polaire, cette boucherie est chevaline", etc.

Deve-se notar que o termo adjetivo não-predicativo por si só não exclui possíveis ocorrências predicativas para os adjetivos que estão sendo discutidos. A seguir analisaremos algumas situações em que os ANP's podem aceitar função predicativa.

## OS ANP'S EM FUNÇÃO PREDICATIVA

Casteleiro (1981) chama de enfático-contrastivos os contextos em que os ANP's aparecem em função predicativa. Esses mesmos contextos foram comentados por Zribi (1972:165):

La possibilité pour un pseudo-adjectif de fonctionner comme prédicat ne semble pas dépendre de propriétés qui lui seraient intrinsèques, mais de facteurs contextuels (...) ex:

(i) Vous faites erreur: ce moteur est solaire, pas électrique. . . .

(ii) Cette cantine est scolaire, et non universitaire, vous savez! (Apud Casteleiro, 1981:133).

Vejam-se alguns exemplos que podem explicitar os fatores que propiciam a ocorrência de adjetivos não predicativos em posição predicativa. (Exemplos de Casteleiro (1981:54), numeração minha).

56.(a) Esses problemas são rurais, e não urbanos.

(b) A interpretação dada a esse conflito e publicada nos jornais é governamental, e não sindical.

57.(a) Essas viaturas são municipais.

(b) Essas flores são campestres.

Segundo Casteleiro (1981:54),

os fatores contextuais que intervêm na aceitabilidade destes adjetivos (não predicativos) como predicativos são não apenas a ênfase contrastiva (cf. 56), mas também a natureza semântica do SN sujeito (cf.57). Em casos como 57-exige-se que, de um modo geral, o SN sujeito não seja genérico, mas, sim, particularizado. Este aspecto é posto em destaque através do confronto dos exemplos citados em 57 com os seguintes:

58.(a) ?\* As viaturas são municipais.

(b) ?\* As flores são campestres.



Além dos determinantes demonstrativos, quaisquer outros com valor semântico particularizador podem ser admitidos:

- 59.(a) Um<sup>s</sup> viatur<sup>s</sup> são municipais, outras são estatais.  
(b) Certas flores são campestres.

A própria natureza do substantivo, núcleo do SN sujeito, também é fundamental, como se pode concluir da inaceitabilidade dos exemplos seguintes:

- 60.(a) \*Essas ciências são naturais, e não geográficas.  
(b) \*Essa prevenção é rodoviária, e não ferroviária.

Neste caso, *ciências naturais* e *prevenção rodoviária* constituem de certo modo "lexias complexas estáveis"<sup>(2)</sup>, segundo a terminologia de Pottier (1975:27), cujos elementos são indissociáveis."

Para Zribi (1972), a aceitação de adjetivos não predicativos, no contexto pós-cópula, se deve ao apagamento de um substantivo, núcleo do SN predicativo, idêntico ao do SN sujeito. Nesse caso, o processo que se passa pode ser ilustrado pelo seguinte exemplo:

- 61.(a) Essas flores são flores campestres

- (b) Essas flores são Ø campestres.

O que Zribi (1972) propõe é uma transformação de apagamento para que sentenças como 61.(b) possam ocorrer.

.....  
(2) Lexia - segundo Pottier (1975:27-28): "É a unidade lexical memorizada. O locutor quando diz: 'quebrar o galho', 'Nossa Senhora', 'pelo amor de Deus', 'bater as botas', 'barra limpa', 'nota promissória', não constrói essa combinação no momento em que fala, mas tira o conjunto de sua 'memória lexical', da mesma forma que 'banco', 'livro'."

Levi (1976) e Bolinger (1967) atribuem uma possível predicabilidade dos ANP's a dois fatores:

(A) Ocorrência de uma mistura sintática, que é produzida quando os falantes da língua tentam regularizar a sintaxe dos ANP's na superfície, ou seja, quando os falantes tentam utilizar os ANP's da mesma forma que utilizam os adjetivos prototípicos.

(B) Ocorrência de um processo de elipse entre o N núcleo do SN não-predicativo e o N sujeito da sentença, isto é, após sofrer o seu processo normal de derivação, o SN que contém o adjetivo não-predicativo é submetido a uma deleção do N núcleo, devido à sua identidade com o N, que é o sujeito da sentença. Esse procedimento pode ser representado como a seguir:

#...X<sub>N</sub> SER X<sub>N</sub> ANP...#

#...X<sub>N</sub> SER Ø ANP...#

Exemplificando:

62.(a) Aquela sua infecção foi infecção virótica.

(a') Aquela sua infecção foi Ø virótica.

Segundo Levi, os ANP's predicativos são gerados normalmente, porém integram um SN em posição predicativa na sentença. Além disso, a predicabilidade dos ANP's estaria sujeita a mais duas condições: contrastividade e definitude. Sem esses

dois fatores semânticos, as construções contendo ANP's em função predicativa são agramaticais, como exemplificado a seguir:

(b) \*As infecções são viróticas.

(b') Aquela sua infecção foi virótica - (N definido)

(b'') A infecção foi virótica e não, bacteriana -  
(contrastividade)

Infelizmente, nenhuma das propostas dos linguistas citados realmente esclarece a ocorrência dos ANP's predicativos.

Ainda há uma outra observação interessante relativa aos adjetivos não predicativos que merece ser apresentada. Refiro-me ao fenômeno que se pode observar quando esses adjetivos são usados em seu sentido próprio ou em seu sentido figurado. Naturalmente o uso dos termos sentido próprio e sentido figurado suscita discussão. Para o momento, no entanto, aceitarei como válida essa terminologia. Voltarei a discutir esse fenômeno no Capítulo V.

Nota-se que alguns adjetivos não-predicativos, quando usados em sentido figurado, apresentam as propriedades dos adjetivos predicativos. Vejam-se os exemplos de 63 (ANP's com sentido próprio) contrapostos aos de 64. (ANP's com sentido figurado)

(Casteleiro, 1981:58-59):

63.(a) Alguns alunos gostam de ciências naturais

\*naturais ciências

\*ciências muito naturais

(a') \*essas ciências são naturais.

(b) Eles estudam o sistema nervoso

\*nervoso sistema

\*sistema muito nervoso

(b')? \*esse sistema é nervoso.

(c) Eles preferem as explorações subterrâneas

\*subterrâneas explorações

\*explorações muito subterrâneas

(c') \*essas explorações são subterrâneas.

64.(a) Alguns alunos possuem aptidão natural para a música

natural aptidão

aptidão muito natural

(a') a aptidão deles para a música é natural.

(b) Eles detestam esses professores nervosos

nervosos professores

professores muito nervosos

(b') esses professores são nervosos.

(c) Eles têm intenções subterrâneas

subterrâneas intenções

intenções muito subterrâneas

(c') as intenções deles são subterrâneas.

TESTES QUE DIFERENCIAM ANP's DE ADJETIVOS PREDICATIVOS

Casteleiro (1981) sugere alguns testes auxiliares para a diferenciação entre adjetivos predicativos e adjetivos não-predicativos. A seguir, tentarei utilizá-los.

ORDENAMENTO DO ADJETIVO NO SINTAGMA NOMINAL

(I) Det N Adj - Propriedade de ocorrência pós-nominal

65.(a) As crianças alegres

(b) O desenho industrial

Como se pode observar, essa propriedade é partilhada por adjetivos predicativos e não-predicativos.

(II) Det Adj N - Propriedade de ocorrência pré-nominal

(apenas para os adjetivos prototípicos)

66.(a) As alegres crianças

(b)? O industrial desenho

A afirmação de Casteleiro de que a propriedade acima descrita se aplica aos adjetivos predicativos deve ser aceita com algumas restrições, porque é notório que, em português, nem todos os adjetivos prototípicos aceitam a posição pré-nominal, como exemplificado abaixo:

67.(a) ?As amarelas laranjas

(b) ?As felizes crianças

#### GRADAÇÃO

(III) Det N muito Adj - Propriedade de gradação

68.(a) A cidade muito poluída

(b) ?O engenheiro muito civil

Na aplicação dessa propriedade, novamente deve-se notar que nem todos adjetivos predicativos podem ser a ela submetidos.

69.(a) ?A mulher muito grávida.

#### PARÁFRASE NOMINAL

(IV) Segundo Bally (1944), é dos adjetivos não-predicativos a propriedade de serem comutáveis por uma paráfrase

nominal, constituída por uma preposição (em geral de) e um SN, de cujo nome o Adj deriva:

. . .

70.(a) ciências naturais - ciências da natureza

Os adjetivos predicativos não apresentam tal propriedade:

(b) tarefa difícil # ?tarefa de dificuldade

#### PREDICABILIDADE

(V) Os adjetivos predicativos aceitam construções de cópula com o verbo *ser* (qualidade inerente) e *estar* (qualidade accidental). Os adjetivos não predicativos, quando aceitam cópula (com as devidas restrições), rejeitam o verbo *estar*.

71.(a) As paisagens (são + estão) calmas.

(b) Essas flores (são + \*estão) campestres.

A explicação que se tem para o fato de os adjetivos não-predicativos não aceitarem *estar* deve-se à circunstância de a relação determinativa N-Adj *ser* encarada como constante, permanente e não, como accidental. (Segundo os manuais de gramática).

## FUNÇÃO DO ADJETIVO

(VI) Segundo as gramáticas, os adjetivos podem desempenhar a função de (nome) predicativo do objeto (ou complemento) direto, conforme nos exemplos:

72.(a) Acho essas paisagens (calmas + sombrias + bonitas).

(b) Acho essas crianças (alegres + tristes + inquietas).

(c) Acho o comportamento dele (doentio + correto + estranho).

Tal propriedade não se aplica aos adjetivos não-predicativos:

73.(a) \*Acho esse engenheiro (civil + eletrônico + químico)

(b) \*Considero essas ciências (médicas + geográficas + naturais)

(c) \*Suponho esse sistema (solar + elétrico + nuclear).

A diferença de comportamento sintático entre 72 e 73 pode ser comprovada através da topicalização do SN objeto, como a seguir:



- 74.(a) Essas paisagens, acho-as (calmas + sombrias + bonitas)  
(b) Essas crianças, acho-as (alegres + tristes + irre -  
quietas) . . .  
(c) O comportamento dele, acho-o (doentio + correto +  
estranho).

- 75.(a) \*Esse engenheiro, acho-o (civil + eletrônico + químico)  
(b) \*Essas ciências, considero-as (naturais + geográficas +  
médicas)  
(c) \*Esse sistema, suponho-o (solar + elétrico + nuclear).

(VII) Os adjetivos predicativos podem aparecer como apostos dos substantivos - antepostos ou pospostos a estes -, ao passo que isso não se dá com os adjetivos não-predicativos:

- 76.(a) As flores, coloridas, enfeitam o jardim.  
(b) Coloridas, as flores enfeitam o jardim.

- 77.(a) ?As ciências, naturais, contribuem para o progresso.  
(b) ?Naturais, as ciências contribuem para o progresso.

#### COORDENAÇÃO DE ADJETIVOS

(VIII) Os adjetivos predicativos podem ser coordenados entre si, o mesmo se dando com os adjetivos não-predicativos;

porém uma subclasse não aceita coordenação com a outra.

78.(a) clube grande e bonito

(b) ?clube bonito e campestre / ? clube campestre e bonito

79.(a) geradores elétricos e solares

(b) ?geradores solares e eficientes / ?geradores eficientes  
e solares

#### MODIFICAÇÃO NOMINAL

(IX) A combinação de adjetivos predicativos e não-predicativos como modificadores do mesmo substantivo só é possível se o adjetivo predicativo aparecer posposto ao adjetivo não-predicativo ou, então, em posição pré-nominal.

80.(a) belo eclipse lunar

(b) eclipse lunar belo

(c) ?eclipse belo lunar

#### QUANTIFICAÇÃO

(X) Há a possibilidade de os adjetivos não-predicativos aceitarem prefixos numéricos, o que não ocorre com os adjetivos predicativos.

81.(a) problemas multinacionais ; película monocromática

(b) ?beleza trifulgurante; ?homens bifelizes

. . .

### PREFIXAÇÃO

(XI) Os adjetivos predicativos aceitam prefixos como in- e des- com maior facilidade, já os não predicativos compõem-se, normalmente, com prefixos como pós-, pré-, inter-, extra-, anti- e a- (que são prefixos nominais) .

82.(a) mulher infeliz

(b) alunos descontentes

(c) tarefa desagradável

83.(a) era pós-industrial

(b) estudos interdisciplinares

(c) medida anti-social.

### 2.5 - SUMÁRIO

Neste segundo capítulo, procedeu-se a um levantamento de dados, objetivando exemplificar os adjetivos "problemáticos". Esses são dessa forma denominados porque não apresentam as características prototípicas de adjetivos quanto à sua origem num

modelo derivacional, assim como não manifestam características morfo-sintáticas prototipicamente adjetivais.

Despendeu-se \* especial atenção ao caracterizar os ADJETIVOS NAO-PREDICATIVOS NOMINAIS , utilizando-se abordagens de diferentes autores, uma vez que constituem o tipo adjetival em análise nesta dissertação.

Assim sendo, creio já estarem os ANP's devidamente explicitados, o que me permite buscar uma aproximação explicativa para o seu comportamento anômalo em relação a adjetivos prototípicos.

CAPITULO III - OS ADJETIVOS NÃO-PREDICATIVOS E SUA  
PRESENÇA NAS GRAMÁTICAS E NOS ESTUDOS  
LÍNGUISTICOS.

Um levantamento das idéias de gramáticos e lingüistas acerca dos adjetivos não-predicativos se justifica dentro deste trabalho, uma vez que se reconhece a importância dos estudos já realizados sobre esse tema.

Ao pesquisar a abordagem dada pelos gramáticos aos adjetivos não-predicativos, pude constatar que, mesmo sem tratarem explicitamente desse tipo de adjetivos, os textos das gramáticas, fazem referências às diferenças de comportamento que adjetivos não-predicativos apresentam em relação aos adjetivos prototípicos. Dentro dos estudos lingüísticos, podem-se encontrar abordagens bastante distintas sobre o assunto, dependendo das teorias lingüísticas utilizadas no desenvolvimento dos trabalhos.

A seguir serão explicitadas, sucintamente, as visões de dois gramáticos tradicionalistas - Barbosa Soares e Celso Cunha sobre os adjetivos de que estou tratando. Deter-me-ei, também, em algumas considerações a respeito da proposta de análise para os ANP's feitas por dois lingüistas - Paul M. Postal e Judith N. Levi.

Passo, então, ao desenvolvimento da proposta deste capítulo.

## ABORDAGEM DAS GRAMATICAS TRADICIONAIS

### 3.1- Grammatica Philosophica da Lingua Potugueza, de Jerónimo Soares Barbosa.

Segundo Soares Barbosa :

...o Adjectivo he hum nome, que exprime huma cousa como accessoria de outra, para ser sempre o attributo de hum sujeito claro, ou occulto, sem o qual não pode subsistir. (1830:137).

De acordo com Casteleiro (1981), o critério utilizado por Soares Barbosa na classificação dos adjetivos é de natureza lógico-semântica; o que se comprova se se observar mais detalhadamente o texto da *Grammatica Philisophica*:

Todo Adjectivo pois tem duas significações, huma distinta, porém indirecta, que he a do attributo, e outra confusa, porém directa, que he a do sujeito. Esta palavra *Branco* significa directamente hum sujeito qualquer indeterminadamente, que tem brancura; e indirectamente, mas com toda clareza e distinção, a qualidade da cor. Por tanto todo Adjectivo indica hum sujeito, qualquer; e exprime uma qualidade, que lhe attribue. Ora está claro que o sujeito indicado não pode ser senão hum Substantivo; porque sobre este so he que podem cahir as qualidades, que per si não podem subsistir. (1830:138) (Grifos meus).

Para Lobato (1986) e Casteleiro (1981), essa gramática se insere na linha da *Grammaire Générale et Raisonnée*, publicada em 1660 por gramáticos de Port Royal.

Nas palavras de Casteleiro (1981:14):

Barbosa considera o adjectivo atributo dum substantivo como equivalente a uma "proposição incidente", ou seja, em termos de gramática generativa, como introduzido nas estruturas sintáticas por meio de frase relativa: "segue-se que todo Adjectivo com o seu sujeito, ou Substantivo equival a huma proposição incidente, e por esta se pode resolver, como: Deos invisível creou o mundo visível, se resolve nestas proposições Deos, que he hum Ente invisível, creou o mundo, que he huma cousa visível".(Barbosa, 1830:139).

Os adjectivos que tenho chamado de não-predicativos, estão classificados, no trabalho de Soares Barbosa, numa lista ao lado de outros adjectivos que não aceitam grau; sendo estes:

1. Os Adjectivos que são derivados de nomes próprios, como Portuguez, Lisbonense, Solar, Terrestre, Maritimo, Aureo, Argenteo.
2. Os derivados de nomes appellativos de substancias, como Espiritual, Corporeo, Divino, Humano, e outros, tomados no sentido proprio, e não figurado.
3. Os que significão hum estado, para o qual se passou hum acto instantaneo, como Nascido, Morto, Desterrado, Vivente, Finado, Casado, Solteiro.
4. Em fim os Adjectivos verbaes em or, ora, como Amador, Vencedor, Guardador, Salvador, Matador.

(Barbosa, 1830:183).

Em linhas gerais, foi essa a contribuição que extrai de Barbosa (1830) para o presente trabalho.

3.2- Gramática da Língua Portuguesa, de Celso Cunha.

Utilizando-se basicamente de critérios semânticos, Cunha (1976) define o que é um adjetivo apontando, inclusive, que há diferenças entre os adjetivos "reais" e os adjetivos não-predicativos - embora não empregue essa terminologia:

O adjetivo é a espécie de palavra que serve para caracterizar os seres ou os objetos nomeados pelo substantivo, indicando-lhes:

- a) uma qualidade (ou defeito): moça gentil, pensamento obscuro;
- b) o modo de ser: pessoa hábil;
- c) o aspecto ou aparência: jardim florido;
- d) o estado: criança enferma.

Por vezes o adjetivo marca apenas uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc. Assim, em nota mensal, casa paterna, perfume francês relacionamos as noções de nota e mês (nota relativa ao mês), de casa e país (casa onde habitam os pais) e de perfume e França (perfume procedente da França).

De regra, esses adjetivos de relação não admitem graus de intensidade. Uma nota não pode ser mais mensal, nem uma casa muito paterna, nem um perfume menos francês.

Cunha (1976:251)

Identifico o que Cunha (1976) chama de adjetivos de relação com os adjetivos não-predicativos em estudo neste trabalho.



## ABORDAGENS LINGUISTICAS

Os dois autores citados em 3.1 e 3.2 podem ser considerados gramáticos tradicionais; portanto, não seria pertinente tentar-se encontrar, em seu trabalho, uma teoria explicativa para os adjetivos não predicativos em discussão.

Discussões puramente linguísticas sobre o assunto podem ser encontradas, mas aplicadas basicamente à língua inglesa. Os linguistas que se ocuparam com o estudo dos adjetivos não-predicativos optaram entre duas correntes de pensamento diferentes.

Um grupo defendeu a impossibilidade de uma sistematização formal para os ANP's, devido ao seu caráter idiossincrático. São teóricos dessa linha : Jespersen (1942), Bolinger (1967) e Chomsky (1972).

O outro grupo defendeu uma sistematização para os ANP's, apesar de suas múltiplas ambigüidades de comportamento. As generalizações alcançadas pelos teóricos deste grupo se baseiam em critérios sintáticos e/ou semânticos. São representantes dessa corrente: Lees (1960), Gleitman and Gleitman (1970), Coates (1971), Marchand (1969), Ljung (1970), Postal (1972) e Levi (1976).

Neste capítulo, limitar-me-ei a comentar os trabalhos de Postal (1972) e de Levi (1976), por apresentarem, quanto aos ANP's conclusões embasadas em modelos gerativo-transformacionais.

3.3- The Derivation of English Pseudo-Adjectives, de  
Paul M. Postal.

. . .

O interesse de Postal pelos adjetivos não-predicativos revelou-se, primeiramente, em seu trabalho "Proper Pseudo-Adjectives", de 1969. Postal (1972) representa uma expansão das idéias discutidas em Postal (1969,a), uma vez que inclui os pseudo-adjetivos comuns além dos pseudo-adjetivos próprios. Os pseudo-adjetivos seriam os adjetivos obtidos através de uma derivação transformacional, partindo de substantivos. Nas palavras introdutórias de Postal (1972) encontra-se uma referência ao seu trabalho de 1969, a qual esclarece o que sejam os pseudo-adjetivos:

...I argued briefly that such elements must be transformationally derived from underlying nominals (NP). That is, I argued that each Surface Structure containing a pseudo-adjective is the final element of a *Derivation* in which there is an earlier or more remote structure containing an NP constituent *corresponding* to the Surface Structure pseudo-adjective. That is to say, roughly, that pseudo-adjectives have NP ancestor constituents in the way preposed adjectives in general have full restrictive relative clauses, etc. The claim that pseudo-adjectives have NP ancestors involves only a restricted part of the full grammar of such elements, but obviously a basic one. (1972:1)

Seguem-se alguns exemplos de pseudo-adjetivos fornecidos por Postal (1972:1):

- (1) a. The American invasion of Vietnam proves that capitalist countries are peaceful.
- b. Congresssional actions are usually harmful.
- c. America's Lunar expedition only wasted forty billion dollars.
- d. Further industrial expansion will be a boon for gravediggers.

Em Postal (1972), há treze argumentos que corroboram a hipótese de derivação denominal para os pseudo-adjetivos. A maioria desses argumentos versam sobre apagamento, anáfora e restrições transformacionais. O objetivo de cada um deles é demonstrar que uma análise dos pseudo-adjetivos que não se baseie numa derivação denominal teria que estabelecer as mesmas treze regras duas vezes: uma primeira vez para todos os SN's e, depois, uma segunda para os pseudo-adjetivos.

Os treze argumentos de Postal (1972) pró-derivação denominal transformacional para os pseudo-adjetivos são:

- a) Argumento EQUI
- b) Argumento do Apagamento Paralelo
- c) Argumento do Apagamento do Super-EQUI-SN
- d) Argumento da Restrição de Comando
- e) Argumento da Anáfora QUE
- f) Argumento MESMO
- g) Argumento PRIMEIRO-ÚLTIMO
- h) Argumento da Anáfora Ordinal
- i) Argumento de Baker
- j) Argumento TAL

k) Argumento PRÓPRIO

l) Argumento da Elisãõ do Pronome Simétrico

m) Argumento dos Compostos Reflexivos e dos Itens Léxicos.

Remeto o leitor a Postal (1972) para uma explicaçãõ aprofundada a respeito desses argumentos.

A título de ilustraçãõ, veja-se, em linhas gerais, como se poderia aplicar, na prática, a teoria de Postal.

Segundo Postal (1969,a) e (1972), os pseudo-adjetivos e os seus SN'S de origem ocorrem em distribuiçãõ complementar com relaçãõ à atribuiçãõ de caso, no nível de superfície. Se não se adotasse essa visãõ, seria necessário estabelecerem-se restrições sintáticas especiais que lidassem com, por exemplo, os fatos exibidos abaixo (Postal,1969:220):

84.(a) a invasãõ da América pela França

(b) a invasãõ, pela França, da América

(c) a invasãõ francesa da América

(d) \*a invasãõ francesa da América por Portugal (por Portugal - leitura agentiva / \*the French invasion of America by Portugal)

(e) \*a invasãõ francesa pela França da América

Nos exemplos acima, o pseudo-adjetivo francesa ocorre em distribuiçãõ complementar com o SN agentivo pela França. De acordo com a proposta de Postal, essa complementaridade é uma

ocorrência não apenas esperada, mas também justificada. Assim sendo, a hipótese da distribuição complementar prevê a ocorrência de estruturas agramaticais como 84.(d) e (e), além de explicitar sentidos em sentenças ambíguas, como nos exemplos abaixo (adaptados de Postal (1972))

85.(a) a expedição marciana

(b) a expedição para Marte/ em Marte/ dos marcianos

(c) a expedição marciana da China

(d) a expedição marciana chinesa

(e) a expedição marciana para Vênus

(f) a expedição marciana venusiana

O exemplo (a) apresenta uma leitura ambígua entre os desdobramentos <sup>locativo,</sup> direcional e agentivo mostrados em (b). O acréscimo do SN agentivo da China em (c), elimina a leitura agentiva do pseudo-adjetivo marciana, restando-lhe apenas a interpretação direcional.

A regra de distribuição complementar obriga também a atribuir casos diferentes aos dois pseudo-adjetivos de (d), ou seja, um será agentivo e o outro, direcional.

O mesmo ocorre em (e), em que o locativo para Vênus libera a leitura agentiva de marciana, que é mantida igualmente em (f).

Dentro da linha de análise proposta em Postal (1972), os fatos apresentados a seguir não acarretariam, da mesma forma, dificuldade de análise, uma vez que seriam explicados pela Restrição a Estruturas Coordenadas.

86.(a) o ataque da Pérsia e da França à Espanha

(b) \*o ataque da França à Espanha e da Pérsia

(c) \*o ataque francês à Espanha e da Pérsia

A agramaticalidade de (b) e (c) é explicável em termos da dupla atribuição de caso agentivo a da França e da Pérsia ou a francês e da Pérsia. Uma leitura coordenada de (b) ou de (c) também seria agramatical, uma vez que as estruturas superficiais (a), (b) e (c) teriam que ser derivadas da mesma estrutura profunda. Entretanto, essa derivação é bloqueada pela Restrição a Estruturas Coordenadas (Coordinate Structure Constraint - Ross (1967)), que impede o movimento de um único constituinte para fora de uma estrutura coordenada, como acontece em (b) e (c).

A análise dos exemplos de 86 corrobora a proposta de Postal (1972), já que, se não se aceitar uma derivação denominal para os pseudo-adjetivos, se terá que estender ou, então, duplicar a Restrição a Estruturas Coordenadas.

Os treze argumentos pró-derivação denominal para os pseudo-adjetivos são, sem sombra de dúvida, extremamente convincentes; entretanto, os mecanismos transformacionais

utilizados em tal derivação não foram explicitados pelo autor. Postal argumenta a favor de um processo de incorporação para explicar a similaridade entre pseudo-adjetivos e adjetivos e participios. Nas palavras dele:

The view that pseudo-adjective formation is in effect incorporation into passive participles and/or adjectives automatically assigns these elements the derived and, in particular, Surface Structure of participles and adjectives.

Thus one consequence of, and argument for, an incorporation account is that in such terms pseudo-adjectives can be described without recognizing any special new grammatical categories. Pseudo-adjectives become simply adjectives or participles which have both undergone incorporation and also lost their stem. (Postal, 1972:80).

A descoberta mais importante que Postal atribui à sua pesquisa é a confirmação de que uma gramática deve conter regras sintáticas que relacionem categorias gramaticais distintas no nível de Estrutura Superficial.

3.4 - The Syntax and Semantics of Non-Predicating Adjectives in English, de Judith N. Levi.

. . .

Talvez seja este o trabalho mais extenso e minucioso já feito sobre a temática dos ANP's. Nessa tese de doutoramento, Judith Levi pesquisa cuidadosamente os adjetivos não-predicativos derivados de substantivos, mas dedica apenas um capítulo à discussão dos adjetivos não-predicativos derivados de advérbios. O quadro teórico adotado por ela é o da Semântica Gerativista e, por isso mesmo, os argumentos utilizados em sua análise necessariamente são de conteúdo sintático e semântico.

Vejam-se, pois, os princípios fundamentais adotados por Levi em sua teoria dos adjetivos não-predicativos denominais:

- P1. Nominal nonpred NPs (i.e., NPs whose prenominal modifier is a noun or nom nonpred adj) are all derived from an underlying structure containing a head noun and a full S (in either a relative clause or NP complement construction).
- P2. Semantic restrictions are identical for nonpred NPs and for their underlying propositions; they are no more and no less idiosyncratic for the former than for the latter.
- P3. Nominal nonpred NPs are in general multiply ambiguous over a predictable and relatively limited set of possible readings.
- P4. Nominal nonpred NPs are all derived by just one of two syntactic process: the DELETION or NOMINALIZATION of the predicate in the underlying S.



- P5. For nominal nonpred NPs derived by predicate DELETION, a small set of Recoverably Deletable Predicates (RDPS) can be specified such that only its members, and no other predicates, may be deleted in the formation of nonpred NPs.
- P6. The potential ambiguity that is created by the multiplicity of possible underlying sources for a given surface nonpred NP is drastically reduced in discourse by both semantic and pragmatic considerations. (Levi, 1976:73-74).

Esses princípios serão discutidos no Capítulo IV, uma vez que Levi (1976) será o trabalho de referência que utilizarei na análise gerativo-transformacional dos ANP's no português.

Um ponto importante ressaltado por Levi (1976) diz respeito aos múltiplos significados possíveis para os ANP's. Segundo ela:

one essential goal of my theory must be to predict any and all semantic structures that could underlie a given surface expression, rather than just a single possibility, however plausible that possibility may be(...)(Levi, 1976:74).

There is, however, a limit to the range of meanings that my theory is intended to account for; this limit corresponds to the border between the productive grammatical processes that can generate new nonpred NPs, and the lexicalization processes that can modify or even totally alter the meanings of expressions so generated. That is, the set of readings that is possible for my theory to predict does NOT include any meanings that are a result of truly idiosyncratic lexicalization, such that the nonpred NP would have to be learned as a separate lexical item whose overt form was (to a greater or lesser degree) irrelevant to its "true" meaning. (Levi, 1976:76).

A conclusão a se chegar a partir dessas citações é de que o trabalho de Levi deve ser julgado em termos do que se propõe a prever ("sentidos literais") e não, em termos de lexicalizações e/ou sentidos metafóricos que alguns dos ANP's em estudo possam eventualmente apresentar. .

Como Levi (1976) propõe uma teoria derivacional para os ANP's, um ponto básico a ser explicado é o do porquê de as línguas produzirem os ANP's em vez de simplesmente manterem as suas categorias primitivas também no nível de superfície. Para ela, a resposta é simples: os ANP's oferecem a possibilidade de se expressarem, de forma sucinta, conceitos que, de outro modo, demandariam proposições inteiras.

A segunda questão importante a respeito dos ANP's é a de como se dá esse "empacotamento" estrutural de uma proposição, sem a perda de informações semânticas essenciais. Levi (1976) explica que a relação semântica de modificação existente na proposição primitiva é preservada pela configuração substantivo-núcleo + elemento pós-nominal, ou seja, em português, a relação de modificação é prototipicamente estabelecida através de elementos pós-nominais, sejam eles adjetivos, substantivos ou sentenças inteiras. Logo, a transformação que leva uma proposição a se tornar um SN, composto por apenas dois elementos, preserva a informação sobre qual elemento é o núcleo e qual é o modificador através do artifício sintático expresso pela ordem das palavras.

É importante notar-se que, além do mecanismo de formação dos ANP's que muitas línguas naturais possuem, também se encontram SN's genitivos que parecem ser estruturas paralelas aos ANP's. Os SN's genitivos normalmente são compostos por dois substantivos, sendo que um deles é marcado pelo traço [ +genitivo], através de uma terminação que indique caso, de uma preposição ou de uma posposição.

A similaridade que existe entre os ANP's e os SN's genitivos é a possibilidade de compactar uma proposição inteira em uma configuração superficial menor, sem grande perda de informação semântica.

Levi (1976) aponta mais um ponto de interesse a respeito dos ANP's : a probabilidade de se dar, em maior grau, o apagamento de sujeitos e objetos especificados, em relação a àquele observado em proposições inteiras. Isso significa que um SN formado por N+ANP pode conter elementos que representem somente um sujeito e um verbo nominalizado, sem um objeto explícito; a sentença correspondente, no entanto, exigiria a presença do SN objeto. Esse processo foi descrito por Ross (1972,a:325):

The one case I know of in which the "funnel direction" appears to be reversed concerns the degree to which constituents which appear in remote structure must appear at certain later levels of structure (say, at the output of a cycle). The relevant facts appear in (28):

(28) Constituent deletion: the nounier, the fewer constituents need appear in surface structure.

Exemplos desse fenômeno seriam (adaptados de Levi (1976)):

87.(a) O vírus infectou . { o gado  
\*Ø

(b) Temo { uma infecção virótica  
\*que um vírus infecte

88.(a) Os revisionistas traíram { seus camaradas.  
\*Ø

(b) Ela previu { a traição revisionista  
\*que os revisionistas trairiam

Levi (1976) esboçou um diagrama, que contém o objeto de estudo de Postal (1972) (pseudo-adjetivos), juntamente com os adjetivos não-predicativos, por ela estudados, a fim de fornecer uma imagem da ampliação que seu estudo representa em relação a qualquer outro realizado anteriormente. Veja-se:

I- Adjetivos Denominais

II- Adjetivos Não Predicativos

(LEVI, 1976)

III- Pseudo-Adjetivos

(POSTAL, 1972)

Adj. Deadvérbiais

tradicional

eventual

sortudo

parisiense

ocasional

pedregoso

rural

provável

ventoso

nacional

real

3.5- SUMÁRIO

Neste capítulo fez-se um levantamento das opiniões de dois gramáticos e de dois linguistas quanto aos ANP's. Explicitou-se o caráter idiossincrático que os autores mencionados apontam no comportamento dos adjetivos não-predicativos e, no caso de Postal e de Levi, destacou-se a proposta de cada um para uma derivação dos ANP's a partir de substantivos e advérbios na estrutura profunda.

No capítulo V, analisarei com profundidade, a proposta derivacional de Levi (1976) para os ANP's, com o intuito de observar a pertinência dela no que diz respeito aos ANP's no português.

CAPÍTULO IV - OS ANP's NUMA PERSPECTIVA  
GERATIVO-TRANSFORMACIONAL

O objetivo deste capítulo é investigar uma possível origem gerativo-transformacional para os ANP's. Como salientei no capítulo anterior, o trabalho mais completo a que tive acesso, em se tratando dos ANP's, foi a tese de doutoramento de Judith N. Levi (1976).

Optei pela adoção de um modelo transformacional de abordagem dos ANP's, porque discordo da visão lexicalista correspondente. Parece-me que as relações semânticas e sintáticas existentes entre os ANP's e os seus substantivos correlatos são demasiadamente fortes para serem desprezadas em favor de uma proposta que gere os ANP's na base, como o faz a hipótese lexicalista.<sup>(1)</sup>

Contudo, não quero dizer que considero perfeita a abordagem transformacional que explicitarei a seguir. Encontrei muitos problemas na análise de Levi (1976), os quais apontarei oportunamente, no desenvolvimento deste capítulo. Faz-se, contudo, necessário esclarecer que, apesar das eventuais falhas encontradas, compartilho das crenças teóricas que subjazem a uma análise nos moldes da Semântica Gerativa, como aquela desenvolvida pela autora supracitada, ou seja, (argumentos adaptados de Lakoff, 1987:583):

.....  
(1) Ver, a propósito, discussão em Postal (1972).

\* a linguagem faz parte do "aparelho" cognitivo humano e utiliza-se de mecanismos cognitivos genéricos;

\* a função primária da linguagem é expressar sentidos, e, assim sendo, uma gramática deve mostrar, o mais explicitamente possível, como os parâmetros de forma estão relacionados aos parâmetros de sentido.

Por outro lado, a Semântica Gerativa adotou, em suas análises, pressupostos que foram revistos e rejeitados pelos seus próprios criadores.<sup>(2)</sup> O aspecto mais questionável da teoria, no meu ponto de vista, foi a adoção do modelo de categorização clássico, o que não permitiu que as análises propostas levassem em conta os efeitos prototípicos nas categorias sintáticas e semânticas e no inter-relacionamento delas.

O quadro teórico adotado por Levi (1976) [de agora em diante, neste capítulo, apenas Levi] conhecido como Semântica Gerativa advoga que:

as regras de base da gramática geram estruturas que são, ao mesmo tempo, representações sintáticas e semânticas, o que significa que o componente sintático não é autônomo. Segundo esse modelo, as regras de base geram estruturas, que são a própria representação semântica, que expressam informações sintáticas e semânticas.  
Lobato (1986:268).

Remeto o leitor, para a obtenção de informações genéricas sobre esse modelo e as transformações adotadas neste

.....  
(2) Ver, a propósito, Lakoff (1987).

capítulo, a Lobato (1986) ou, para discussões mais aprofundadas, a Lakoff e Ross (1967), Lakoff (1968,a) e (1971), Fillmore (1973), Chomsky (1965), McCawley (1970,b), Ross (1967,b), Kayne (1975), Quicoli (1972) e Postal (1970).

#### 4.0 - A HIPÓTESE

Como foi dito no Capítulo II, a operação de redução de orações relativas não serve como fonte derivacional para os ANP's, porque dela resultariam estruturas anômalas, sintática e semanticamente. Além disso, a redução de relativas não explica as várias relações lógico-semânticas que se obtêm entre um N núcleo e os adjetivos que podem sucedê-lo num SN (como mostrado em 89, abaixo), assim como também não explicita as diferentes relações semânticas que se estabelecem quando se varia o N núcleo e se fixa o adjetivo modificador num SN, como em 90, a seguir.

SN

trabalhador + adjetivo

Paráfrase aproximada

89.(a) um trabalhador brasileiro

aquele que trabalha no Brasil  
aquele que trabalha e é  
brasileiro



(b)um trabalhador rural

aquele que trabalha no campo

90.(a) crédito industrial, - conglomerado industrial

(b) mapa astral - influência astral

(c) café brasileiro - jeitinho brasileiro

Deve-se refinar a análise derivacional, indo além dos limites da redução de relativa, a fim de se tentar compreender o que se passa realmente nos exemplos mostrados em 89 e 90.

Segundo Levi, as diferenças sintáticas apresentadas, no nível de superfície, pelos ANP's em relação a adjetivos predicativos são reflexo de uma distinção que se verifica em suas categorias lexicais subjacentes, isto é:

...where true, predicable adjectives are derived from relative clauses as per the standard analysis, nonpredicating adjectives can be shown to derive from nodes in immediately antecedent phrase markers which bear either N or Adv category labels (for the nominal and adverbial subclasses of nonpredicating adjectives, respectively). The syntactic anomalies on the surface will then be seen to be predictable from fundamental distinctions in the semantic structure beneath.

Levi (1976:4)

Ainda de acordo com a mesma autora, a dificuldade apresentada pelos ANP's de ocorrerem em função predicativa se deve à impossibilidade de N's e Adv's serem predicados lógicos de SN na

estrutura semântica:

Predicados de SN

Verbo: V(SN)

Adj : Adj(SN)

Não-predicados de SN

N: \*N(SN)

Adv: \*Adv(SN)

#### 4.1 - TERMINOLOGIA

A seguir, explicitarei os rótulos adotados nos processos derivacionais a serem estudados neste capítulo.

No que diz respeito aos níveis, são eles:

a) Estrutura Lógica (EL): o nível mais profundo de uma derivação, em que todo o conteúdo semântico é organizado em árvores com apenas três tipos de nódulos:

-proposições: S;

-predicados: PRED ou V;

-argumentos: ARG ou SN.

b) Estrutura Profunda Intermediária (EPI): o segundo nível, compreende toda a seqüência de estágios intermediários da derivação, excluindo os estágios inicial e final da derivação. Nessa etapa, os predicados e argumentos da estrutura lógica

começam a ser diferenciados e adquirem rótulos como: N, Adj, V e Adv. Esses rótulos podem, ou não, se manter intactos até a Estrutura Superficial.

. . .

c) Estrutura Superficial (ES): compreende o terceiro nível da derivação. Nessa etapa, o rótulo categorial se aplica a itens lexicais variados, como os que apareceram sob o rótulo de adjetivos em 89.

É necessário, ainda, distinguirem-se os diferentes rótulos categoriais que um dado "material" semântico pode adquirir em seu trajeto da EL até a ES. Nesse caso, os rótulos são:

a) Rótulo Categorial Primário: primeiro rótulo atribuído na EPI, ou seja, os predicados e argumentos da EL adquirem rótulos como: N, Adj, V e Adv.

b) Rótulo Categorial Intermediário: rótulo que pode ser alterado antes da ES, caso o material sob seu domínio sofra processos derivacionais ou então, incorporações.

c) Rótulo Pré-Terminal: o último rótulo categorial antes da ES, que difere do desta, mas domina o mesmo material semântico.

d) Rótulo da Estrutura de Superfície.

Os rótulos acima discriminados servirão como sinalizadores ao longo das etapas na EPI.

Levi enfatiza a importância dessa terminologia ao mostrar que há muitos adjetivos, tradicionalmente chamados de denominais quanto à sua origem, mas que, segundo ela, não apresentam nada de excepcional quanto ao seu comportamento sintático, aparentando ser exatamente como os adjetivos mais prototípicos, tais como, por exemplo, infantil, escandaloso, artístico, heróico, convencional. Aqui fica patente a falha de análise dessa autora quanto aos adjetivos exemplificados. Em ocorrências como doença infantil, meio artístico, critério convencional, parece-me tratar-se de adjetivos tipicamente não-predicativos, e não, de adjetivos prototípicos.

Além dos adjetivos denominais, há, também, os deverbais, como estudioso e bricalhão, que se encaixam dentro do comportamento sintático prototípico dos adjetivos, aceitando intensificação, funções atributiva e predicativa, etc.

Givón (1970) comenta, de forma pertinente, a riqueza da classe dos adjetivos. Segundo ele, há um número muito restrito de adjetivos que são oriundos de primitivos semânticos adjetivais:

...one is struck by the fact that the lexical category Adjective has a large and potentially boundless membership. Further, of all adjectives in the dictionary, only a small number are original or overtly

underived; the great bulk are morphologically derived from either nouns or verbs.

Givón (1970:816)

É necessário, entretanto, que se destaque a grande diferença existente entre um adjetivo predicativo denominal, como saudável, e um adjetivo não-predicativo denominal, como presidencial. As rotulações categoriais sugeridas anteriormente serão muito úteis ao se fazer tal diferenciação, ou seja, no caso do presente trabalho, ao se distinguir entre adjetivos que derivam somente de N's (adjetivos não-predicativos), e adjetivos que foram derivados por uma combinação, ou uma incorporação, de um N e um outro constituinte (adjetivos predicativos).

Com Levi (p. 10), penso que adjetivos denominais como saudável, se derivam através de uma incorporação, em algum ponto da EPI, de um N, juntamente com um V ou Adj; e, apesar de o elemento nominal nessa nova forma, permanecer visivelmente nominal e de o elemento predicativo ser transformado numa forma mais opaca, a transparência morfológica não terá grande importância. Será o elemento mais opaco que determinará o fato sintático de o Rótulo Categórico Intermediário ser Adj e o fato semântico de o novo adjetivo ser predicativo. Se o material sob o Rótulo Categórico Intermediário Adj (que é derivado parcialmente de um N) não sofrer nenhuma outra derivação, ele emergirá como um adjetivo predicativo normal.

Por outro lado, os ANP's derivam todo o seu conteúdo semântico dos seus N's primitivos, daí manterem o *status* de N's até o Rótulo Pré-Terminal. Em nenhum ponto de sua derivação, eles sofrem incorporação com um elemento predicativo. Essa é a razão de eles emergirem como elementos não-predicativos, sintática e semanticamente.

Pode-se, então, estabelecer que a diferença fundamental entre os adjetivos predicativos denominais e os ANP's denominais corresponde a uma distinção nos Rótulos Pré-Terminais, ou seja, os adjetivos predicativos denominais terão o Rótulo Pré-Terminal Adj., enquanto os ANP's denominais terão o Rótulo Pré-Terminal N.

No Capítulo V, entretanto, se verá que os ANP's, através de expansões metafóricas, sofrem alterações no seu comportamento sintático, a ponto de ocorrerem em função predicativa.

#### 4.2 - DERIVAÇÕES NOMINAIS POR APAGAMENTO DE PREDICADO.

Nessa seção, analisarei um dos processos propostos por Levi, e que, na sua opinião, dá origem à maior parte dos ANP's. Esse processo é chamado de Apagamento de Predicado. Segundo Levi (p. 84), a maior parte das relações semânticas que podem ser associadas gramaticalmente à estrutura superficial dos SN's que contêm ANP's é expressa por um conjunto de predicados, que são apagáveis e recuperáveis (PAR) no processo de derivação desses

SN's. Esses predicados são, semanticamente, muito básicos e genéricos, possuindo aplicações bastante amplas. Levi sugere, inclusive, que eles são primitivos semânticos e, portanto, que ocorrem em grande parte das línguas do mundo.

Esses predicados (PAR) são: CAUSAR, TER, FAZER, USAR, SER, EM e PARA. O fato de serem grafados em letras maiúsculas simboliza o seu caráter abstrato, o que os difere de itens lexicais individuais. Assim, o predicado EM, por exemplo, representa semanticamente as preposições: no, na, ao.

Exemplos de SN's derivados pelo apagamento desses sete predicados seriam (a divisão dos exemplos em duas colunas objetiva explicitar a origem do adjetivo - proveniente de um sujeito ou de um objeto do predicado subjacente):

91.

PREDICADOS	ADJ/objeto de sentença relativa	ADJ/sujeito de sentença relativa
<u>CAUSAR</u>	tiro mortal evento traumático	infecção virótica espiral inflacionária
<u>TER</u>	comédia musical animais vertebrados	intuição feminina poder presidencial

<u>FAZER</u>	glândulas sebáceas	cadeia molecular
	despertador musical	configuração estelar

<u>USAR</u>	gerador solar	—
	compreensão aural	

<u>SER</u>	amigos profissionais	—
	vertebrados mamíferos	

(Creio que estes dois exemplos poderiam derivar-se do apagamento de TER, uma vez que temos estruturas como: amigos que têm profissão, e vertebrados que têm mamas.)

<u>EM</u>	vida marinha	—
	nota marginal	

<u>PARA</u>	clube atlético	—
	reserva ecológica	

As relações semânticas, expressas pelos SN's não-predicativos, acima exemplificados, são:

- causativa (GAUSAR)
- possessiva (TER)
- instrumental (USAR)
- equativa (SER) ????



- locativa (EM)
- produtiva (FAZER)
- finalidade (PARA)

A divisão (sujeito/objeto) em duas colunas em 91., suscita alguma reflexão.

O primeiro fato importante a ser observado é que apenas os predicados CAUSAR, TER e FAZER podem apresentar sujeitos subjacentes. Ao se explicitarem os processos transformacionais envolvidos na derivação dos ANP's, esse fenômeno ficará esclarecido, pois se verá que os SN's que derivam seus modificadores de sujeitos subjacentes têm de ser submetidos a uma Transformação de Apassivação, a ser aplicada à proposição a que pertencem. Essa transformação, evidentemente, não pode ser sustentada pelos predicados SER, EM e PARA. SER bloqueia a apassivação por motivos semânticos.

-Por exemplo: João é filho de Maria - \* Filho de Maria é sido por João.

EM e PARA são preposições, portanto não sofrem apassivação. No caso de USAR, o seu emprego como um predicado instrumental bloqueia a apassivação.

92.(a) comunicação telefônica

comunicação usando telefones

\*comunicação usada por telefones

Entretanto, devo ressaltar a existência de um outro predicado USAR, não instrumental, que aceita apassivação.

93.(a) veículos usados por empresas      \*veículos empresariais

Apesar das relações entre USAR<sub>i</sub> (instrumental) e USAR<sub>p</sub> (agentivo), eles não são idênticos. Nesta dissertação, limito-me a considerar o predicado USAR instrumental.

#### 4.2.1 - PROGRESSÕES DERIVACIONAIS

Segundo Levi (p. 105), há três tipos de derivações possíveis, que resultam na formação de SN's não-predicativos. O que determina a existência dessas três derivações distintas é a constituição morfológica do composto adjetival que será formado em uma etapa intermediária da derivação. Cada derivação corresponde a um tipo de SN, como explicitado abaixo:

a) SN's cujos predicados subjacentes sofrem apassivação e, por conseguinte, são incorporados ao composto adjetival numa forma de participio passivo:

94.(a) sal marinho - sal produzido pelo mar > sal mar-produzido

> sal marinho

b) SN's cujo predicado subjacente não é apassivizado e, conseqüentemente, é incorporado como um particípio ativo:

95.(a) árvore frutífera - árvore que produz fruta > árvore fruta-producente > árvore frutífera

c) SN's cujo predicado subjacente emerge não como um verbo, mas como uma preposição:

96.(a) nota marginal - nota na margem > nota na-margem > nota marginal

Há uma diferença correspondente na origem sintática de cada um desses grupos de adjetivos: em (a), o adjetivo é morfologicamente derivado do SN sujeito profundo da oração relativa; em (b), o adjetivo é derivado do SN objeto da oração relativa; e, finalmente, em (c), o adjetivo é derivado do objeto pós-cópula, da preposição, na oração relativa.

Levi argumenta que há três processos transformacionais básicos nas derivações dos ANP's: Formação do Composto Adjetival, Apagamento de Predicado Recuperável e Adjetivação Morfofonêmica.

A seguir, citarei um exemplo de Derivação por Apagamento de Predicado, como mostrado em Levi (p. 106), para que se possa ter uma imagem visual do processo.

97.

Table 3

DERIVATIONS BY PREDICATE DELETION

Type (a): N<sub>2</sub> (N<sub>1</sub> V N<sub>2</sub>)

wave #CAUSE tide wave#

1st CYCLE:

- 1. Lexical Insertion                      wave #cause tide wave#
- 2. Prep Spelling                              wave #cause by-tide of-wave#
- 3. Passive                                      wave #be caused of-wave by tide#
- 4. Compound-Adj Formation              wave # be of-wave tide-caused#
- 5. Copula Insertion                      -----

2nd CYCLE:

- 6. Rel Pro Formation, Fronting      wave #which (be tide-caused)#
- 7. WHIZ Deletion                              wave tide-caused
- 8. Prep Preposing                              tide-caused wave
- 9. RDP Deletion                                tide wave
- 10. Morphophonemic                          tidal wave

Adjectivalization

Voltando aos três processos derivacionais básicos a que me referi anteriormente, mostrarei, agora, a sua caracterização.

#### 4.2.2 - FORMAÇÃO DO COMPOSTO ADJETIVAL

A Formação do Composto Adjetival, segundo Levi (p. 118-119), é uma etapa obrigatória na Derivação por Apagamento de Predicado dos ANP's.

Apesar de haver diferentes transformações que geram compostos adjetivais, Levi afirma ser possível traçar uma descrição gramatical que reflita as similaridades existentes nesses processos.

As estruturas das transformações que resultam na formação de compostos adjetivais são:

##### Tipo 1 - Composto com Particípio Passivo

Descrição Estrutural:

X ser V + sufixo [ por N ] Y  
PART. PASSADO SN

Exemplo: 98. sal # sal ser produzido pelo mar # +

sal # sal ser mar-produzido #.

### Tipo 2 - Composto com Particípio Ativo

Descrição Estrutural: X # SN V N # Y

. . .

Exemplo: 99. despertador # despertador produz música# +  
despertador # despertador música-producente #

### Tipo 3 - Composto Preposicional

Descrição Estrutural: X ser [ Prep N ]<sub>SN/SPrep?</sub> Y

Exemplo: 100. nota # nota estar em margem # +  
nota # nota estar em-margem #

Veja-se, agora, a Transformação de Apagamento de Predicado.

#### 4.2.3 - APAGAMENTO DO PREDICADO RECUPERAVEL

Esta transformação apaga qualquer um dos sete PAR ( TER, CAUSAR, FAZER, USAR, SER, EM e PARA) num dado composto adjetival, deixando apenas um N sob o nóculo ADJ. Observem-se as estruturas para essa transformação.

TRANSFORMAÇÃO DE APAGAMENTO DE PAR

TIPO 1 - Predicado Verbal

. . .

Descrição Estrutural: [ X [ N + V<sub>PAR</sub> ]<sub>ADJ</sub> N ]<sub>SN</sub>

TIPO 2 - Predicado Preposicional

Descrição Estrutural: [ X [ Prep<sub>PAR</sub> + N ]<sub>ADJ</sub> N ]<sub>SN</sub>

Há evidências que apontam para a não-obrigatoriedade dessa regra em alguns casos, já que se pode encontrar construções como:

101.	PAR	Dados
	CAUSAR	mosquitos causadores de malária
	FAZER	máquinas fazedoras de barulho
	USAR	carros usando álcool

Entretanto, a regra de apagamento atua na formação da maior parte dos ANP's, uma vez que o predicado, em geral, não aparece morfologicamente na superfície, como demonstrado pelos exemplos já vistos neste capítulo.

Háj Rosa (comunicação pessoal) não acha boa a proposta de Levi para o apagamento dos sete PAR. Essa observação é bastante pertinente, uma vez que se pode observar a existência de muitos casos em que o predicado subjacente não integra o "grupo dos sete" de Levi e, mesmo assim, não aparecem na estrutura de superfície, donde se conclui que devem sofrer algum processo de apagamento. É o que se constata por exemplo, em:

- REVOLUÇÃO INDUSTRIAL - \* revolução feita pelas indústrias  
? revolução causada pelas indústrias  
\* as indústrias têm a revolução  
\* as indústrias usam a revolução  
\* a revolução que é nas indústrias  
? revolução nas indústrias  
? revolução para as indústrias

Creio que os predicados subjacentes aos SN's que se seguem também não são previstos por Levi: qualidade sacramental, origens selvagens, mistérios vulcânicos, riquezas minerais, cérebro humano e inúmeros outros exemplos. A argumentação da autora de que sua proposta prevê todos os sentidos contidos nos ANP's, excetuando-se aqueles que são metafóricos, torna-se, então, questionável. Se se considerarem metafóricos todos os exemplos que não se enquadram na teoria de Levi, está-se literalmente escondendo o fato de ela ser menos completa do que supõe sua criadora.



Na visão de Háj Ross, parece muito mais viável que exista um único mecanismo que apague qualquer predicado subjacente, pois as semelhanças existentes nos processos de apagamento são muito maiores que as diferenças, como sugerido abaixo: (Ross (1990), comunicação pessoal):

(a) sal (QUE É) FEITO (PELO) mar

(b) árvore (QUE ) FAZ FRUTAS

(c) nota (QUE ESTA) NA margem

A regra de apagamento dos sete predicados proposta por Levi apaga a matéria semântico-sintática contida nos retângulos de borda simples, assim como os morfemas gramaticais entre parênteses. Sobra em todos os casos exatamente um N no fim das relativas (retângulos de bordas duplas), que vai assumir uma forma adjetival. Então, existe uma generalização sintática, não formulável em termos de EL, presente nesses N's finais. Portanto, só há um tipo de apagamento operando nestas transformações.

(Ross, comunicação pessoal, 1990)

#### 4.2.4 - ADJETIVAÇÃO MORFOFONÊMICA

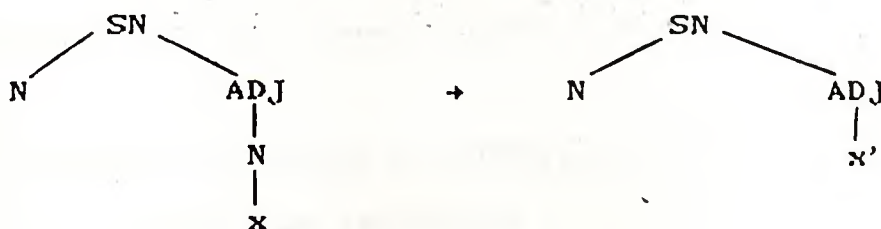
A Adjetivação Morfofonêmica é a última transformação que ocorre no ciclo de formação de um ANP.

Essa transformação é responsável pela caracterização morfológica dos ANP's que aparecem na Estrutura de Superfície, em lugar dos substantivos, que existiam como Rótulo Pró-Terminal no processo derivacional de que se está tratando.

A mudança de rótulos é ilustrada abaixo:

- x é o substantivo que é inserido no início da derivação, e x' é o ANP. listado no léxico como a contraparte de x.

102.



Essa transformação é composta por duas operações. A primeira delas compreende a "busca", no léxico, de um ANP que corresponda ao substantivo original. Esta operação pode não ser sempre bem sucedida, uma vez que nem todos os substantivos têm uma contraparte adjetival. A segunda operação compreende a substituição do substantivo por um ANP.

A Adjetivação Morfofonêmica é uma transformação que pode ser bloqueada por dois motivos:

- a língua portuguesa pode não oferecer um ANP que corresponda ao substantivo primitivo;

- fatores sociolinguísticos podem barrar a transformação, por exemplo, em : vírus da gripe + ?vírus <sup>ok</sup>gripal. Apesar de existir o ANP gripal (Dicionário Caldas Aulete, 1986), creio que os falantes do português dificilmente o aceitariam, exceto se usado por um médico ou numa bula de remédio, em contexto altamente especializado, portanto.

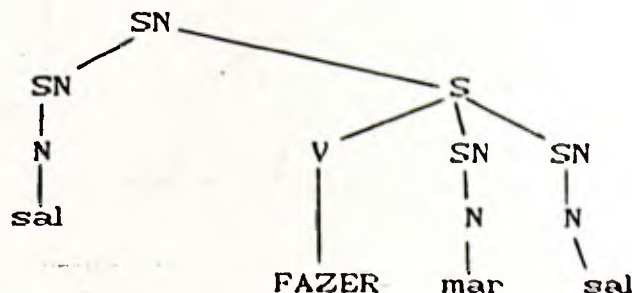
A seguir, mostrarei, passo a passo, o processo de formação dos ANP's através da aplicação da Derivação por Apagamento de Predicado. Utilizarei diagramas em árvore com o intuito de facilitar a visualização dos processos transformacionais que foram mencionadas até aqui.

#### 4.2.5 - DIAGRAMAS EM ÁRVORE DAS DERIVAÇÕES POR APAGAMENTO DE PREDICADO

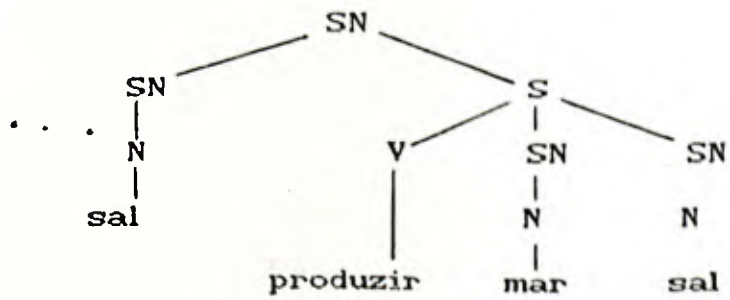
##### TIPO 1 - Composto Adjetival com Particípio Passivo

Exemplo: sal marinho < sal mar-produzido < sal produzido pelo mar

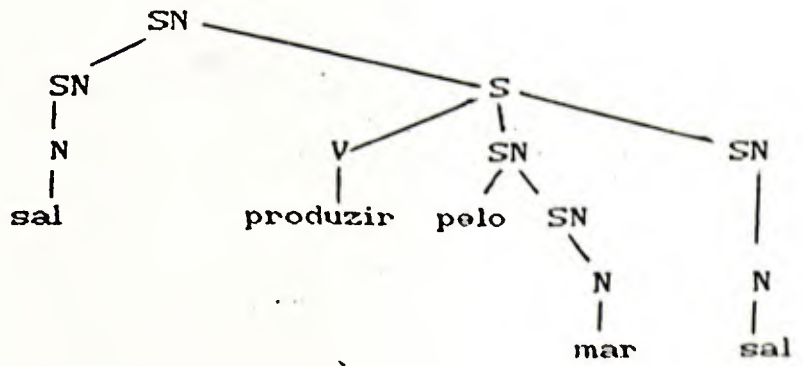
ESTRUTURA  
ABSTRATA



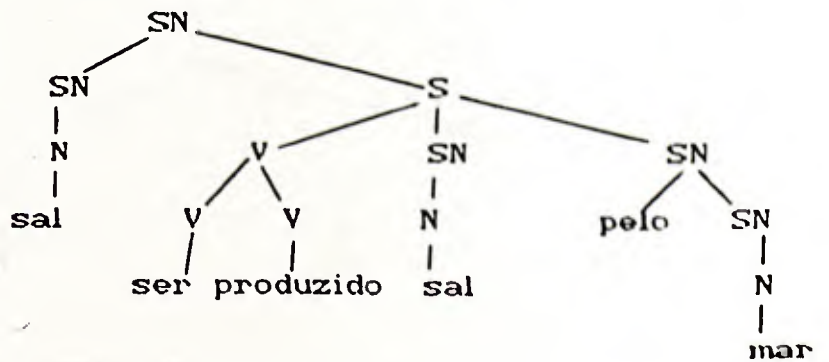
↓ Inserção Lexical do Verbo



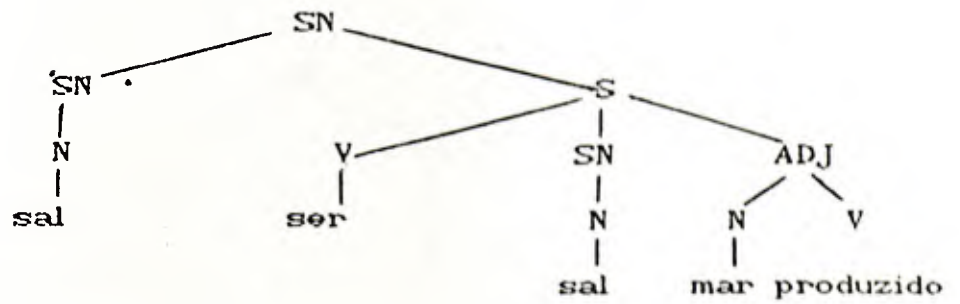
↓ Inserção de Preposição



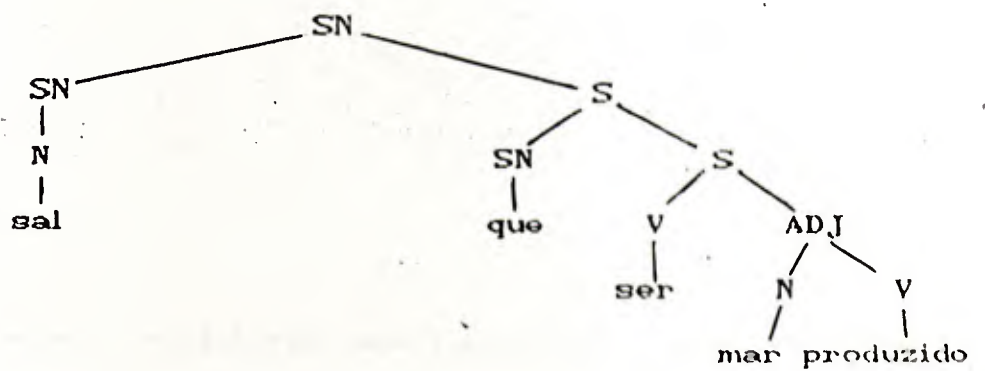
↓ Apassivação



↓ Formação do Composto Adjetival



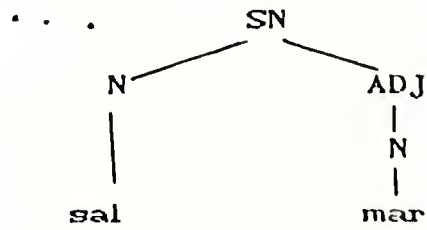
↓ Pronome Relativo/Anteposição



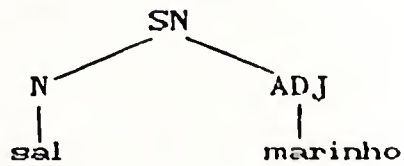
↓ Redução de Relativa/Poda



↓ Apagamento do Predicado



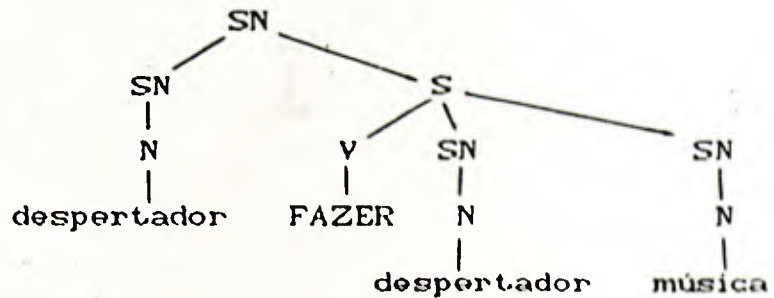
↓ Adjetivação Morfofonêmica



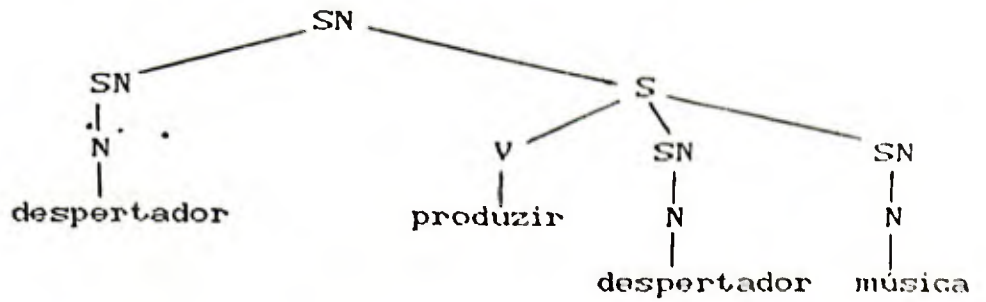
**TIPO 2 - Composto Adjetival com Particípio Ativo**

Exemplo: despertador musical < despertador música-produtor <  
despertador que produz música

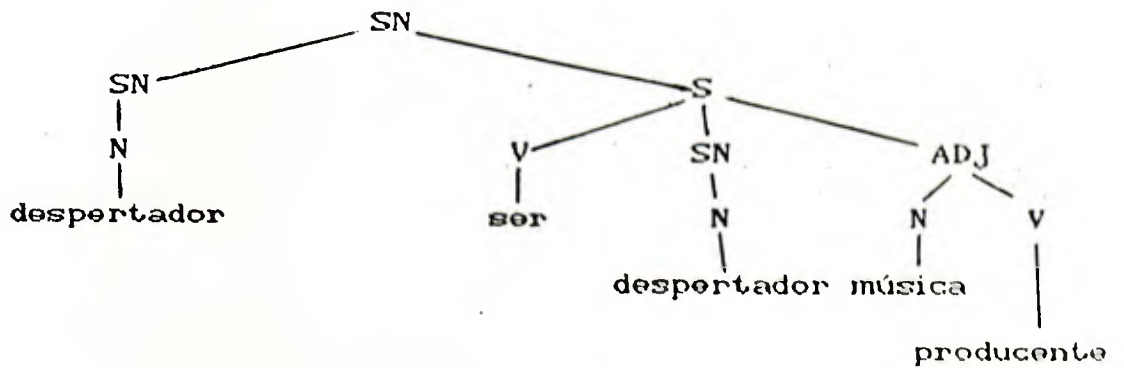
ESTRUTURA  
ABSTRATA



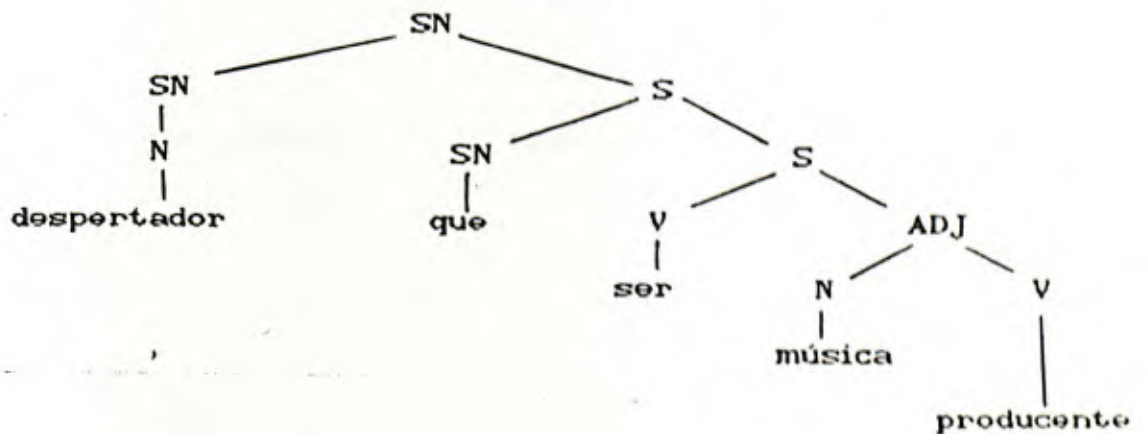
↓ Inserção Lexical do Verbo



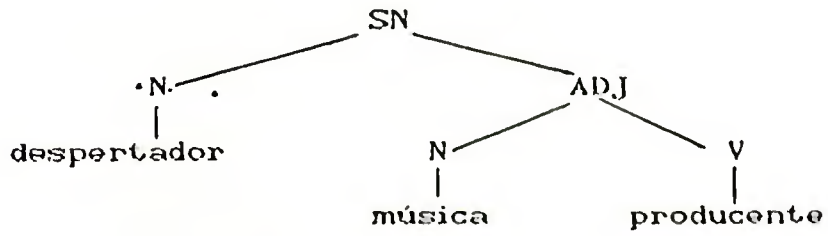
↓ Formação do Composto Adjetival/  
Inserção de Cópula



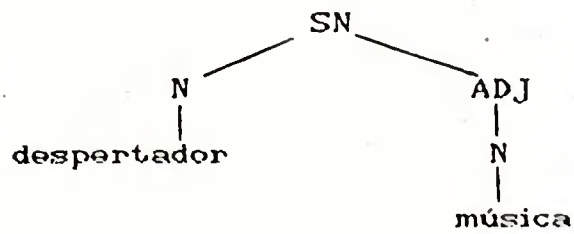
↓ Formação do Pronome Relativo/  
Anteposição



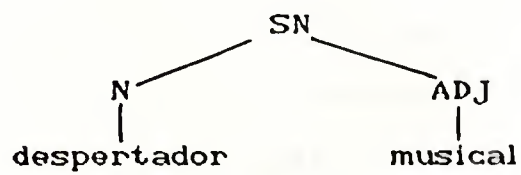
↓ Redução de Relativa/ Poda



↓ Apagamento de Predicado



↓ Adjetivação Morfofonêmica

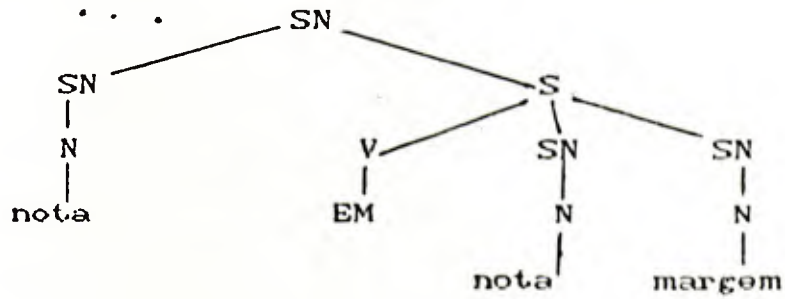




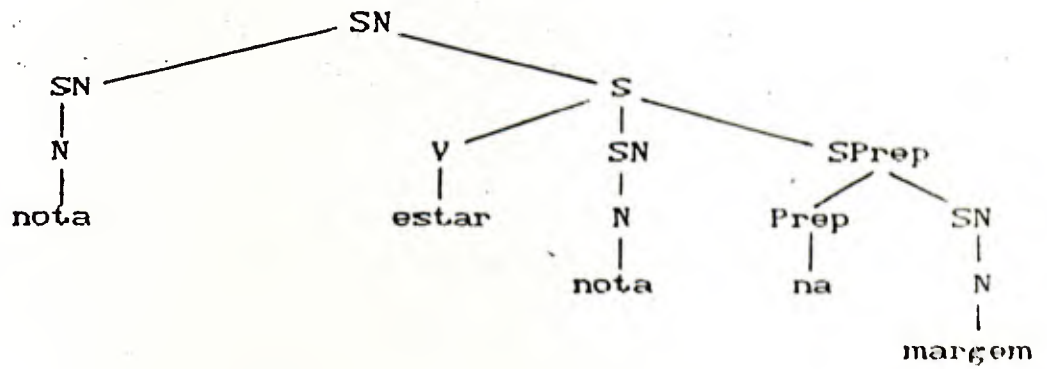
### TIPO 3 - Composto Adjetival com Preposição

Exemplo: nota marginal < nota margem < nota na-margem

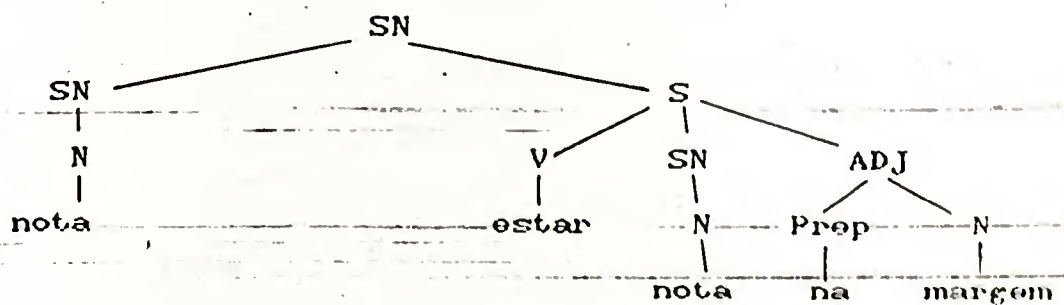
ESTRUTURA  
ABSTRATA



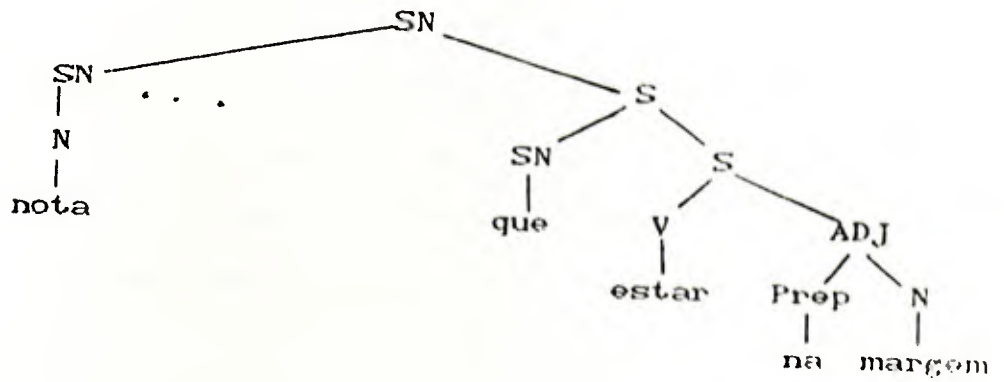
↓ Inserção Lexical/Formação do  
SPrep/Inserção de Cópula



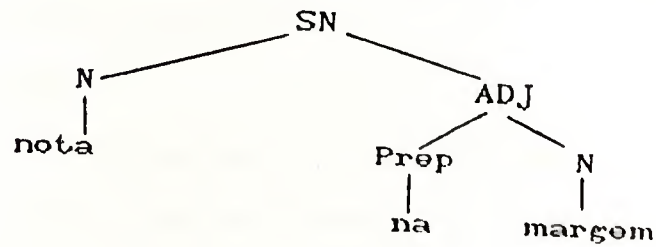
↓ Formação do Composto  
Adjetival



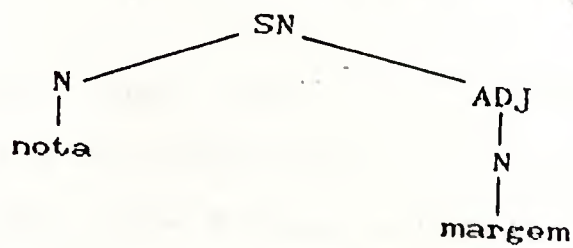
↓ Formação do Pronome Relativo/  
Anteposição



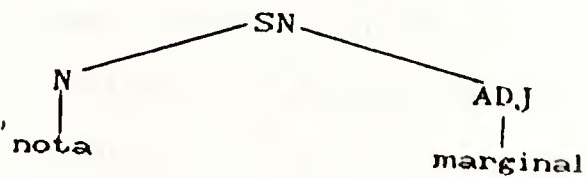
↓ Redução de Relativa/Poda



↓ Apagamento do Predicado



↓ Adjetivação Morfofonêmica



#### 4.2.6 - CONCLUSÕES ACERCA DA DERIVAÇÃO POR APAGAMENTO DE PREDICADO

A Derivação dos ANP's por Apagamento de Predicado, de acordo com Levi, corresponde a um ciclo transformacional, que inclui as seguintes transformações (nem todas obrigatórias, como já mencionado em seções anteriores):

1. Inserção Lexical
2. Inserção de Preposição
3. Apassivação
4. Formação do Composto Adjetival
5. Inserção de Cópula
6. Formação do Pronome Relativo / Anteposição
7. Redução de Oração Relativa / Poda
8. Apagamento do Predicado
9. Adjetivação Morfofonêmica.

O resultado final desse processo derivacional é a emergência de um ANP, que não possui um sentido arbitrário ou idiossincrático, mas que está limitado a possuir, no máximo, uma leitura ambígua, entre dez possibilidades. Esse número é justificado pela ocorrência de sete leituras semânticas possíveis (sete Par), além de duas leituras sintáticas para os predicados CAUSAR, TER e FAZER (o adjetivo pode ser derivado do sujeito ou do objeto do predicado apagado).

As dez possibilidades de leituras são ilustradas através dos exemplos abaixo:

103.

ANP

PAR

a) Tipo: Particípio Passivo

choque elétrico

CAUSAR

espiral inflacionária

(causado por)

pneumonia virótica

poder presidencial

TER

massa encefálica

(\*tido por > de)

esqueleto felino

configuração estelar

FAZER

arranjo floral

(feito de/por)

cadeia molecular

b) Tipo: Particípio Ativo

despertador musical

FAZER

glândulas sebáceas

("fazente")

árvore frutífera

comunicação telefônica                   USAR  
bombardeio atômico                       (usando)  
gerador solar

vertebrados mamíferos                   SER  
segmento consonantal                   (\*sendo)  
teoria transformacional

comédia musical                         TER  
álbum fotográfico                       (\*tendo > com)  
bolo recheado

explosão mortal                         CAUSAR  
droga depressiva                       (causando)  
gás lacrimogêneo

c) Tipo: Preposicional

doença mental                         EM  
urso polar  
vida marinha

produto automotivo                   PARA  
desinfetante bucal  
gramática pedagógica

A ampla ambigüidade de sentidos, a que me referi anteriormente, sofre uma grande redução, devido a fatores semânticos e pragmáticos, no uso dos ANP's.

Dessa forma, pode-se dizer que, por exemplo, o SN despertador elétrico tem a leitura despertador usando eletricidade, porque o conhecimento comum do mundo assim instrui. As Transformações de Apagamento de Predicado, mostradas, no entanto, além de preverem essa leitura, preveriam algo como: despertador produzindo eletricidade por analogia com despertador musical + despertador produzindo música.

Logo, o que torna cada ANP um item semanticamente especializado são fatores não-lingüísticos, porque como se viu, a priori, qualquer ANP derivado por apagamento de predicado, comportaria dez leituras diferentes dentro da análise teórica proposta por Levi. Entretanto, a análise cuidadosa dos dados colhidos para esta dissertação questiona a proposta de Levi. Pelo menos para o português (creio que também para o inglês), podem ocorrer inúmeras outras possibilidades de leitura para os ANP's. Não consegui estabelecer um número fixo de predicados que pudessem ser apagados, como propõe Levi. Acredito que uma análise que leve em conta um corpus muito mais extenso do que o que foi por mim analisado - cerca de mil ocorrências registradas em jornais, revistas e romances -, poderia traçar um perfil semântico dos ANP's mais próximo da realidade da língua portuguesa. Caso contrário, apenas se estará especulando com uma amostra muito reduzida e pouco significativa dessa língua.

#### 4.3 - DERIVAÇÕES NOMINAIS POR NOMINALIZAÇÃO DE PREDICADO

O processo de Nominalização de Predicado é ainda mais abstrato e complexo que o Apagamento de Predicado que se viu na seção 4.2. Farei, agora, uma aproximação mais superficial que a apresentada na seção anterior, objetivando explicitar apenas os pontos que considero mais relevantes para a compreensão do processo derivacional em pauta.

Sugiro ao leitor a consulta dos seguintes autores para um maior aprofundamento sobre o processo de nominalização: Fraser (1970), McCawley (1968 e 1973,a), Newmeyer (1970, 1971 e 1974), Postal (1972 e 1974) e Ross (1974,a).

Os sintagmas nominais não-predicativos, resultantes de nominalizações, são compostos por:

- um N núcleo, que é produto da nominalização de um verbo, e um ANP, que é derivado do sujeito subjacente ou do objeto subjacente a esse verbo.

Interessante, também, é observar-se a possibilidade de existência de SN's não-predicativos formados por um N e mais de um ANP.

No caso dos ANP's múltiplos em um SN, sua origem advém de nominalizações em que o sujeito e o(s) objeto(s) da proposição subjacente emergem como adjetivos não-predicativos.

Vejam-se alguns exemplos de SN's resultantes de

nominalizações:

104.(a) NOMINALIZAÇÃO [SN VI]:

- produção industrial
- recusa presidencial
- investigação policial
- reprodução animal
- crescimento urbano
- decomposição celular

(b) NOMINALIZAÇÃO [IV SNI]:

- massagem cardíaca
- entrega postal
- análise molecular
- exploração lunar
- amplificação acústica
- planejamento urbano

(c) NOMINALIZAÇÃO [SN V SNI]:

- exploração lunar americana
- investigação policial estadual
- dispositivo musical eletrônico
- relatório financeiro presidencial

Há um outro tipo de nominalização, chamado de agentivo, que é, na verdade, uma subparte de (b), acima. Neste caso particular de nominalização, constata-se, no SN resultante que o



ANP é derivado do SN objeto da proposição subjacente, e o N é o resultado da nominalização do verbo subjacente, consolidado com um N núcleo, abstrato, correspondente a algo como FAZEDOR, em vez dos nomes abstratos que serão propostos a seguir. Assim sendo, a estrutura subjacente da nominalização seria, aproximadamente, do tipo: [x # V (x,y) #], em que  $\underline{x}$  pode ser visto como um agente (FAZEDOR), não necessariamente animado, ao contrário das nominalizações comuns estruturadas como: [N # V(x,y)#].

Para efeito de ilustração, veja-se um exemplo do formalismo acima explicitado:

105.(a) explorador submarino

[ x # EXPLORAR (x,y) #], onde x = FAZEDOR

(b) exploração submarina

[ ATO # EXPLORAR (x,y) #]

Abaixo, listo alguns exemplos de nominalizações agentivas:

106.(a) editor literário

(b) engenheiro aeronáutico

(c) físico molecular

(d) advogado criminalista

A estrutura subjacente para os SN's não-predicativos resultantes de nominalização consiste em um N núcleo abstrato do tipo de ATO, RESULTADO, EVENTO, ESTADO e PROCESSO, seguido de um complemento sentencial. O N núcleo e o complemento sentencial são nódulos irmãos, dominados por um nódulo SN, numa configuração em árvore.

#### 4.3.1 - DERIVAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES NO PROCESSO DE NOMINALIZAÇÃO DE PREDICADOS

O processo de Nominalização de Predicados, apesar de muito estudado, é pouco conhecido. Por isso, farei apenas uma exemplificação do processo derivacional e não discutirei as transformações que nele são aplicadas, por serem bastante controversas. <sup>tidas</sup> Saliento, entretanto, que acho questionável a necessidade da aplicação do processo de nominalização para os ANP's. Essa mesma dúvida é partilhada por Háj Ross (comunicação pessoal). Ambos pensamos que os ANP's que Levi obtém através de nominalizações seriam obtidos, de forma mais produtiva, utilizando-se o processo de apagamento de predicados mencionado anteriormente neste capítulo.

As transformações relevantes para a nominalização de predicados são listadas abaixo:

**CICLO 1:**

1. Inserção Lexical (de verbo e argumentos);
2. Inserção de Preposição (marcação de caso para os argumentos);

**CICLO 2:**

3. Consolidação de Nominalização (o nome abstrato e o verbo do complemento são consolidados, formando um único constituinte);
4. Inserção Lexical (do N núcleo, após a consolidação);
5. Apagamento de SN não especificado (argumento não preenchido);
6. Adjunção de Objeto (o verbo subjacente e seu objeto tornam-se um único constituinte);
7. Adjetivação Morfofonêmica (mesmo processo descrito em 4.2.4).

Vejam-se alguns exemplos de derivações por nominalização, para que o processo se torne mais explícito:

107. NOMINALIZAÇÃO [ SN V ]:

Poluição industrial                      ATO # POLUIR indústria x #

**CICLO 1:**

1. Inserção Lexical                      ATO # poluir indústria x #
2. Inserção de Preposição              ATO # poluir por-indústria de-x #

**CICLO 2:**

3. Consolidação de                      [(ATO+poluir)<sub>SN</sub>    por-indústria de-x]<sub>SN</sub>  
    Nominalização:
4. Inserção Lexical                      poluição por-indústria de-x

- 5. Apagamento de SN não-especificado      poluição<sub>N</sub> (por-industrial)<sub>SN</sub>
- 6. Adjunção de Objeto      \_\_\_\_\_
- 7. Adjetivação Morfofonêmica      poluição industrial

108. NOMINALIZAÇÃO [ V SN ]:

Exploração lunar      ATO # EXPLORAR x lua #

CICLO 1:

- 1. Inserção Lexical      ATO # explorar x lua#
- 2. Inserção Preposição      ATO #explorar por-x da-lua#

CICLO 2:

- 3. Consolidação da Nominalização      [(ATO+explorar)<sub>SN</sub> por-x da-lua]<sub>SN</sub>
- 4. Inserção Lexical      exploração por-x da-lua
- 5. Apagamento de SN não-especificado      exploração<sub>N</sub> [da-lua]<sub>SN</sub>
- 6. Adjunção de Objeto      [exploração da lua]<sub>SN</sub>
- 7. Adjetivação Morfofonêmica      exploração lunar

109. NOMINALIZAÇÃO [ SN<sub>1</sub> V SN<sub>2</sub> ]:

Conquista espacial americana      ATO #CONQUISTAR americanos espaço#

CICLO 1:

- 1.Inserção Lexical ATO #conquistar americanos espaço#  
2.Inserção ATO #conquistar por-americanos do-espaço#  
de Preposição

CICLO 2:

- 3.Consolidação [(ATO+conquistar)<sub>SN</sub> por-americanos do espaço]<sub>SN</sub>  
de Nominalização  
4.Inserção Lexical conquista por-americanos do-espaço  
5.Apagamento de SN  
não especificado  
6.Adjunção de Objeto [conquista do-espaço]<sub>SN</sub> por americanos  
7.Adjetivação conquista espacial americana  
Morfofonêmica

A proposta apresentada nesta seção para a nominalização de predicados pressupõe que

...nominalizações são derivadas de uma estrutura subjacente contendo um N núcleo abstrato, modificado por uma sentença cujo predicado seria "consolidado" ou incorporado ao N núcleo abstrato, a fim de produzir a nominalização que aparece na ES; onde os argumentos da S modificadora são transformados em ANP's. (Levi:198).

A crítica mais contundente ao processo de nominalização proposto por semanticistas gerativistas foi feita por Chomsky (1970). Sugiro Postal (1972), McCawley (1973,a) e Ross (1974,a) para detalhes sobre o debate em torno da validade do processo de

nominalização.

#### 4.4 - SUMÁRIO

O objetivo, neste capítulo, foi explorar as derivações que dão origem aos ANP's. Foram mostrados dois processos derivacionais para os ANP's:

- a) Apagamento de Predicado;
- b) Nominalização de Predicado.

Na seção 4.2, foram introduzidas as seguintes noções:

- o PAR (Predicado Apagável Recuperável), que inclui sete predicados: CAUSAR, FAZER, TER, USAR, SER, EM e PARA; e
- o processo derivacional de Apagamento de Predicados, assim como as transformações que ele inclui.

Na seção 4.3, discutiu-se a derivação de Nominalização de Predicados e foram mostradas as transformações por ela compreendidas.

Conseguiu-se mostrar, através dos processos transformacionais, uma possível origem subjacente para os ANP's, a qual determina seu comportamento anômalo, como adjetivo, no nível de superfície.

Como foi salientado anteriormente, uma análise feita nos moldes da Semântica Gerativa apresenta problemas, e a proposta de Levi, especificamente, não consegue cumprir totalmente o objetivo a que se propôs, ou seja, não consegue, efetivamente, explicar

todas as ocorrências dos ANP's e dos seus vários sentidos.

De acordo com Lakoff (1987), os pontos de maior fragilidade da abordagem da Semântica Gerativa são:

- A utilização da sintaxe transformacional, o que a impede de lidar adequadamente com amálgamas sintáticos [Lakoff (1974)].
- O uso da Gramática Gerativa, que não a deixa lidar adequadamente com construções gramaticais motivadas, que, por sua vez, não são totalmente previstas por regras gerativas.
- O emprego das regras de redundância do léxico, que não são suficientes para lhe permitir lidar adequadamente com os problemas de polissemia (Brugman (1981), Dixon (1968), Lidner (1981)).

No próximo capítulo, explorarei o grau de pertinência dos ANP's na classe dos adjetivos, utilizando uma análise baseada essencialmente nos princípios da Gramática Cognitiva.

## CAPÍTULO V - CLASSIFICANDO OS ANP'S

Creio ter chegado ao capítulo conclusivo desta dissertação. Nos capítulos anteriores, observei e discuti conceitos, tais como categorização, classes de palavras, classe dos adjetivos, adjetivos prototípicos, adjetivos "problemáticos", adjetivos não-predicativos, tipos semânticos primitivos, derivações nominais e transformações.

Todos esses conceitos foram apresentados, até agora, com um único intuito: tentar, neste capítulo final, vislumbrar uma aproximação que caracterize o comportamento dos ANP's de forma clara e explicativa.

Espero ter explicitado devidamente, ao longo desta dissertação, a minha convicção pessoal quanto à classificação de palavras. Acredito que uma classificação baseada em protótipos, na qual se possam encontrar membros centrais e periféricos de uma categoria é, no momento, a melhor aproximação teórica para se compreender a organização do léxico.

Uma classificação baseada em modelos prototípicos tem, no entanto, que ser subsidiada por uma teoria ampla que verse sobre categorização. No caso deste trabalho, o sustentáculo teórico subjacente ao raciocínio que desenvolvi desde o Capítulo I é expresso, principalmente, por Lakoff (1987), que propõe modelos cognitivos para explicar o tipo de categorização efetuada pelos seres humanos. A categorização linguística, dentro de um modelo



cognitivo, é apenas uma instância do aparato humano de cognição.

O trabalho mais recente que lida com a classificação das formas gramaticais do português é a Sintaxe Portuguesa - Metodologia e Funções, de Mário Alberto Perini. Neste livro, o autor defende uma classificação prototípica, baseada em traços distintivos, em detrimento da classificação clássica. Através desses traços podem ser montadas matrizes, que descrevem o perfil da forma a ser analisada. Sugiro o estudo de Perini (1989), para uma discussão acerca da inadequação da categorização clássica para as formas linguísticas.

Perini não desenvolveu uma matriz para os ANP's, mas cita-os como um dos constituintes problemáticos dos SN's, merecedores de um estudo mais aprofundado.

A abordagem teórica em que me baseio, neste capítulo, é proposta por Ross (1972,a), (1972,b), (1973,a), (1973,b) e (1974). Nesses trabalhos, ele desenvolve a teoria dos Squishes, com base na Fuzzy Grammar explicitada no Capítulo I, e propõe que as palavras, assim como as funções sintáticas, compõem um quasi-continuun, em oposição à classificação discreta tradicional. Um squish é uma matriz que evidencia o grau de pertinência de uma dada forma em uma classe, ou seja, através de um squish, pode-se perceber que há, por exemplo, diferentes graus de nominalidade, porque nem todos os substantivos se comportam de forma idêntica quando testados com relação ao seu caráter nominal.

No artigo "The Category Squish: Endstation Hauptwort",  
Ross explicita o objetivo básico da sua pesquisa com  
*squishes*:

I will postulate, instead of a fixed, discrete  
inventory of syntactic categories, a quasi-continuum,  
which contains at least the categories shown in (1),  
ordered as shown there.

(1) Verb > Present Participle > Perfect Participle >  
Passive Participle > Adjective > Preposition (?) >  
"Adjectival Noun" > Noun

(p. 316)

Para ele, as classes básicas V, A e N são  
diferenciadas, não de uma forma discreta, mas de uma forma  
graduada, talvez quantificável.

Graficamente, um *squish* tem o seguinte aspecto:

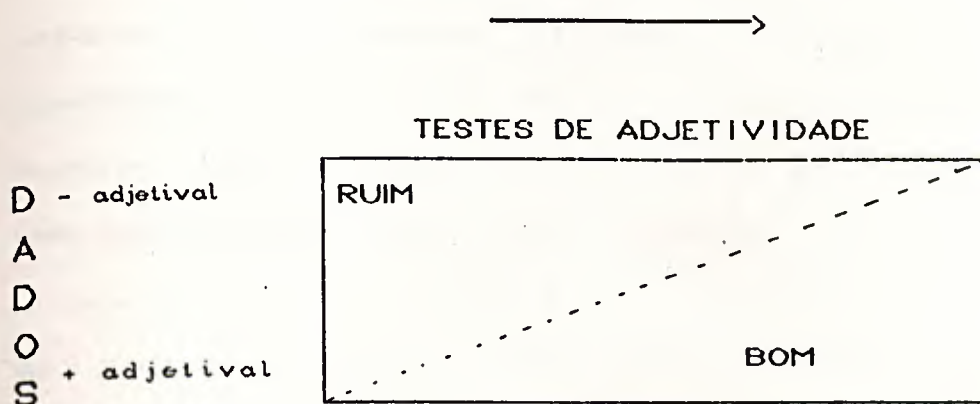


FIGURA I

De acordo com Ross (1974:114):

(117) A matrix whose cells contain indications of degree of grammaticality is *horizontally well-behaved* if the degrees of grammaticality indicated in the cells of a row increase monotonically (i.e., without changes in direction of increment), or decrease monotonically. If one row has decreasing values, all must; if one row has increasing values, all must. A matrix is *vertically well-behaved* if the degrees of grammaticality indicated in the cells of its columns increase or decrease monotonically in the manner specified above. A matrix that is both horizontally and vertically well-behaved is "*well behaved*".

Neste capítulo, pretendo traçar um *squish* para os ANP's, e demonstrar que eles não são adjetivos prototípicos, mas, sim, periféricos, apresentando, inclusive, uma hierarquia interna em seu grau de adjetividade.

Para alcançar tal objetivo, proporei alguns testes para verificar o grau de adjetividade dos ANP's.<sup>(1)</sup>

Os testes que apresentarei são, na verdade, propriedades sintáticas manifestadas pelos adjetivos. É necessário que se entenda que uma análise baseada em protótipos deixa implícita a possibilidade de contra-exemplos às generalizações propostas. Decorre disso o fato de os testes aqui mostrados não terem uma aplicabilidade sobre 100% dos adjetivos.

.....  
(1) Ver Perini (1989) para uma discussão quanto à escolha dos testes ao se compor uma matriz.

5.0 - REFLEXÕES SOBRE OS ANP's

A análise dos dados colhidos para esta pesquisa revelou que nem todos os ANP's possuem comportamentos sintático e semântico idênticos. Em termos morfológicos, parece-me, no momento, completamente inatingível uma generalização. Daí tentar traçar *squishes* que demonstrem a gradação adjetival das várias ocorrências de um ANP, assim como os diferentes níveis de adjetivalidade de ANP's distintos.

O primeiro fenômeno interessante relativo aos ANP's diz respeito à sua propensão para aceitar a função de núcleo de predicado nominal.

Veja-se um exemplo:

110.(a) A intervenção no Senado foi [presidencial].

(b) ?O engenheiro acusado pelo desmoronamento era mecânico.

Parece-me claro que 110.(a) tem uma aceitabilidade maior que 110.(b). Para que 110.(b) pudesse soar mais naturalmente, ter-se-ia que criar um ambiente contrastivo, como em 111.:

111. O engenheiro acusado pelo desmoronamento era mecânico e não, civil, como todos supunham.

Como observa Háj Ross (comunicação pessoal), os

ambientes contrastivos favorecem a função predicativa, mesmo para itens lexicais que não são adjetivos de forma alguma, como se pode observar em:

112. No Brasil, os micos que figuram entre os animais em extinção são os leão e não, os aranha.

Leão e aranha em 112. são substantivos que integram nomes compostos (mico-leão e mico-aranha), não podendo ser vistos como adjetivos.

Creio que a dificuldade de aceitação que, normalmente, se tem quanto às construções com ANP's mais prototípicos, na função predicativa, está diretamente ligada ao grau de "cristalização" do SN a que esse ANP pertence. Esclarecendo o que disse: em formas como engenheiro civil, computador digital, sistema nervoso, há SN's muito rígidos, que talvez possam ser chamados de "Lexias Complexas Estáveis" (terminologia de Pottier (1975:27)). Nesses casos, o ANP, apesar de ter função atributiva, conserva uma carga nominal muito forte, induzindo a pensar no SN em questão como um substantivo composto.

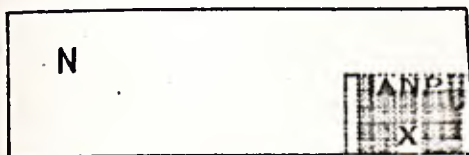
Parece-me que o fenômeno que se observa nos SN's "cristalizados" pode ser atribuído a uma característica semântica dos ANP's. Estes, quando usados em seu sentido "primitivo", possuem uma força referencial muito grande, o que faz com que componham, juntamente com o N núcleo do, SN um item de sentido

individualizado. O item composto por N+ANP não pode ser desaglutinado sem que haja uma total perda de referência. Concluindo, através da análise dos dados, que um ANP faz parte da definição do item que compõe juntamente com um substantivo. Seguindo esse raciocínio, poder-se-ia dizer que a referência do ANP é incorporada pelo substantivo no processo de criação de um novo sentido.

O processo descrito acima difere da relação de modificação exercida pelos adjetivos prototípicos dentro de um SN, ou seja, o que se observa nessa relação é que o adjetivo apenas atribui uma referência a um referente independente (substantivo núcleo do SN) - o que ocorre, então, é uma interseção "fortuita" de sentidos.

Graficamente podemos vislumbrar os processos acima descritos como a seguir:

A) RELAÇÃO N-ANP (X) :



INCLUSÃO DE SENTIDOS

B) RELAÇÃO N-ADJ PROTOTÍPICO (Y):



INTERSEÇÃO DE SENTIDOS

FIGURA II

A propriedade de "parceria" de sentido que é estabelecida entre o ANP e o substantivo modificado, como mostrado no item (A) da figura II, responde pela característica sintática apresentada pelos ANP's prototípicos de não ocorrência em função predicativa. Em outras palavras, uma característica semântica dos ANP's determina o seu comportamento sintático, restringindo a sua "liberdade" de ocorrer em função predicativa, o que delimita seu campo de ação semântico-sintática ao escopo do SN.

Veja-se, agora, o segundo aspecto de interesse dos ANP's.

Um dado ANP pode ter o seu significado "primitivo" expandido metaforicamente até atingir estágios nos quais o que se tem são estruturas morfológicas idênticas à forma original, mas com comportamento sintático distinto daquele apresentado pelo ANP

original e com sentido apenas relacionado ao primitivo. É esse o caso dos ANP's que aparentemente possuem uma contraparte predicativa, com idêntica constituição morfológica. Esse processo de expansão metafórica parece-me muito produtivo, dada a alta ocorrência de sua aplicação nos exemplos coletados. Posso dizer, inclusive, que fiquei surpresa ao encontrar ocorrências como as citadas abaixo, extraídas do jornal FOLHA DE SÃO PAULO:

- " seu raciocínio é fluido, muito estratosférico..."
- " o tigre marcadamente inflacionário que aflige o país..."
- " há aqueles consumidores mais proustianos que preferem..."

Veja-se um caso de expansão metafórica, bastante comum:

#### CASO I - NATURAL

"Natural: adj. pertencente à natureza; produzido pela natureza ou segundo as leis da natureza(...)" (Dicionário Caldas Aulete, 1986, 5a. Edição).



ANP: ocorrência mais

+ nominal

cristalizada

ciências naturais

reservas naturais

restaurante natural

preservação natural

.....

.....

.....

atitude natural

talento natural

ADJ. PREDICATIVO

forma menos cristalizada

- nominal

Na sua forma "rígida", NATURAL atribui uma qualidade discreta, que não admite gradação, a um dado substantivo, além de não aceitar bem a função de predicativo do sujeito, como pode ser observado a seguir:

113.(a) ciências naturais

(b) \*ciências muito naturais

(c) \*Essas ciências são naturais.

Já na sua forma mais metafórica, NATURAL não apenas admite gradação facilmente, como também assume função predicativa e pode ser preposto ao substantivo determinado:

- 114.(a) um talento natural para a música
- (b) um talento muito natural para a música
- (c) Seu talento para a música é natural
- (d) Seu natural talento para a música é assombroso.

O fenômeno que se observa no caso de NATURAL é conhecido como polissemia. Esse fenômeno manifesta-se quando um item lexical possui um conjunto de sentidos relacionados.

Segundo Lakoff (1987), itens lexicais constituem categorias naturais de sentido. As diversas possibilidades semânticas de uma palavra se relacionam através de várias formas, uma das quais é a metáfora conceptual. Esse processo é explicitado detalhadamente por Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987).

O processo metafórico, aplicado aos sentidos de um item lexical, corresponde ao mapeamento de um conceito semântico dado em um domínio categorial em um outro domínio categorial. Normalmente, o sentido que um item lexical possui em seu domínio fonte é visto como o mais básico.

No caso do ANP NATURAL, a sua fonte primitiva é o substantivo NATUREZA. Assim, quanto mais próximo estiver o sentido do ANP de seu primitivo nominal, mais evidentes estarão as

propriedades sintáticas e semânticas nominais.

Seguindo o mesmo raciocínio, dentro da subcategoria dos ANP's, quanto mais central for o sentido do adjetivo, mais nominal ele será e mais rigidamente serão mantidas suas propriedades gramaticais, e, em decorrência, quanto mais periféricos os sentidos, menos estreitamente serão seguidas suas propriedades gramaticais.

Visualmente, o efeito metafórico poderia ser representado como a seguir:

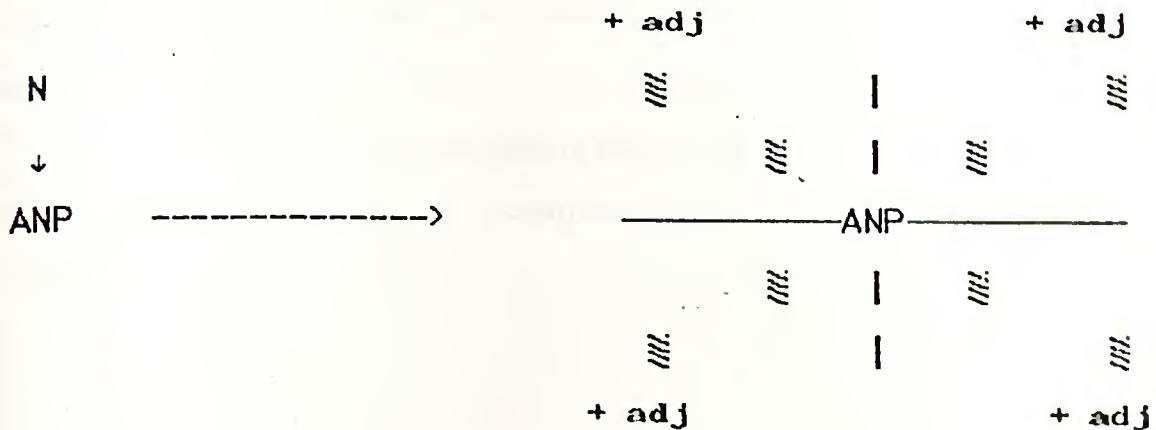


FIGURA III

Quanto mais próximo do cerne da subcategoria estiver o sentido, mais rigidamente serão seguidas as propriedades sintáticas dos ANP's (+nominal). Quanto mais distantes do cerne da subcategoria do ANP estiver o sentido, mais adjetivais serão as propriedades do adjetivo em questão.

Na figura III, o que se pode observar é uma estrutura radial, em que o ANP é a subcategoria central, que, através de extensões motivadas metaforicamente, determina o surgimento de subcategorias semânticas periféricas.

As evidências mostradas nessa análise levam a concluir que uma mudança semântica pode acarretar mudanças gramaticais, o que comprova que a semântica e a sintaxe das formas gramaticais devem ser estudadas em conjunto, uma vez que um parâmetro influi, definitivamente, na ocorrência do outro.

Nas próximas seções, proporei testes e squishes para os ANP's, com o intuito de pesquisar a organização radial dos seus sentidos.

### 5.1 - OS TESTES.

Antes da proposição dos testes de adjetividade, devo salientar que o julgamento da aceitabilidade dos exemplos arrolados foi feito por mim. Logo, é muito provável, que não se concorde, em geral, com todos os resultados obtidos. Mesmo assim,

acredito que possa haver um alto grau de consenso em torno das avaliações feitas.

Passo aos testes.

### I- Modificação Nominal

Propriedade atributiva do adjetivo, expressa através modificação do substantivo núcleo do SN.

115.(a) Todo cartão branco deve ser excluído dessa pesquisa.

(b) A abordagem transformacional é de difícil compreensão.

### II- Intensificação

Utiliza-se a forma [N muito Adj].

116.(a) Júlia é uma criança muito

{ feliz  
alegre  
bonita  
levada }

(b) Encontrei dificuldades (\*muito)

{ linguísticas  
conceituais  
sintáticas  
textuais } na tese.

III- Grau Comparativo:

a) de igualdade:      tão ADJ quanto

117.(a) Os alunos são tão brilhantes quanto os professores.

(b) ?A expedição é tão lunar quanto a pesquisa.

b) de superioridade:      mais ADJ que

118.(a) As mulheres são mais sensíveis que os homens.

(b) ?Os computadores são mais digitais que as calculadoras.

c) de inferioridade:      menos ADJ que

119.(a) Mercúrio é menos quente que o Sol.

(b) ?A biologia é menos molecular que a química.

IV- Grau Superlativo

120.(a) Todo jogador de basquete é altíssimo.

(b) \* Este desenvolvimento é neuralíssimo.

V- Construções do tipo:

.....suficientemente ADJ para.....

.....muito ADJ para .....

121.(a) O país é {suficientemente  
                  muito} pobre para pedir empréstimos.

(b) ? O código é {suficientemente  
                  muito} genético para mostrar as  
evidências.

VI- Parecer + Adj

122.(a) A cidade parece tumultuada por esses dias.

(b) ?As especificações parecem programáticas nesse projeto.

VII- Ficar + Adj

123.(a) Cleide ficou rubra ao ouvir a piada.

(b) \*Os circuitos ficaram neuronais com a inclusão dos  
novos componentes.

VIII- Deslocamento para a esquerda

124.(a) Todos, todos queremos ser.

(b) \*Presidencial, esse veto é.

IX- Clivagem

125.(a) Gental e que o Joãozinho parece ser.

(b) \*Molubernes é que os componentes parecem ser.

X- Coordenação de Adj

ADJ e ADJ

ADP e ANP

\*ADP e ADJ

\*ADJ e ANP

126.(a) O gerador e eficiente e potente.

(b) O gerador é solar e elétrico.

(c) O gerador é solar e eficiente.

(d) O gerador é eficiente e solar.

XI- Concordância

127.(a) mulher alta / mulheres altas

homem alto / homens altos



- (b) programa ecológico / programas ecológicos  
pesquisa ecológica / pesquisas ecológicas

XII- Predicabilidade - Verbo SER

128.(a) O engenheiro é competente.

(b) \*O engenheiro é eletrônico.

129.(a) O brinquedo é quebrável.

(b) O brinquedo é eletrônico.

130.(a) Todas as tintas são belas.

(b) ?Essas tintas são serigráficas.

XIII- Questão - Quão....Adj...- Gradação

131.(a) Quão rico é o presidente?

(b) \*\*Quão genética é a especificação?

XIV- Forma pro-adjetivo (o)

132.(a) Cris é louca, mas Lulu não o é.

(b) Esta pesquisa é etnográfica, mas aquela não o é.

133.(a) Os cientistas disseram que a lua era fria, e ela realmente o é.

(b) Os cientistas disseram que a radiação era solar, e ela realmente o é.

#### XV- Relativa Explicativa

134.(a) Que Sara era inocente, o que ela realmente era, todos sabiam.

(b) Que as especificações eram programáticas, o que elas realmente eram, os imunologistas ignoravam.

#### XVI- Análise Bi-sentencial

135.(a) O que eu não sabia sobre Vander é que ele é louco.

(b) O que eu não sabia sobre a explicação é que ela é científica.

136.(a) O que nós somos é felizes.

(b) O que a tradição é é empiricista.

#### XVII- Predicabilidade - Verbo ESTAR

137.(a) Marilyn está cansada.

(b) \*O desenvolvimento está biológico.

XVIII- Prefixação:  $\left\{ \begin{array}{l} \text{in-} \\ \text{des-} \\ \text{ir-} \end{array} \right\}$

- 138.(a) infeliz, insuficiente, inesperado, inalterado, incolor  
(b) desfavorável, desconfiado, desajuizado  
(c) irrelevante, irreconhecível

139.(a) \*desecológica → anti-ecológica

XIX- Coordenação - ADJ mais do que ADJ

- 140.(a) Os políticos são mais astutos do que inteligentes.  
(b) As pesquisas são mais antropológicas do que linguísticas.
- 141.(a) \*Esse fenômeno é mais morfológico do que interessante.  
(b) \*Esse fenômeno é mais interessante do que morfológico.

XX- Paráfrase Nominal

- 142.(a) teoria lexicalista: ? teoria do léxico  
(b) doença cardíaca: doença do/no coração  
(c) ondas marítimas: ondas do mar

## 5.2 - OS SQUISHES

Nesta seção, traçarei os *squishes* para os ANP's. Eles serão estruturados como a seguir:

-nas colunas, estarão os testes;

-nas linhas, estarão os dados.

A forma visual dos *squishes* é semelhante à Figura I deste capítulo.

A ordem dos testes será:

1. Prefixação;
2. Predicabilidade - Verbo ESTAR;
3. FICAR + Adj.;
4. Intensificação;
5. Grau Superlativo;
6. Grau Comparativo;
7. PARECER + Adj.;
8. Suficientemente ADJ para  
Muito ADJ para;
9. Quão + Adj. - Gradação;
10. Deslocamento para a esquerda;
11. Coordenação de Adj.;
12. Coordenação - Adj. mais do que Adj.;
13. Predicabilidade - SER + Adj.;
14. Clivagem;
15. Forma pro-adjetivo;

16. Relativa Explicativa;
17. Análise bi-sentencial;
18. Modificação nominal;
19. Concordância;
20. Paráfrase nominal

Em cada célula das matrizes, constará um dos símbolos abaixo:

- a) + → significa que o teste se aplica ao ANP;
- b) - → significa que o teste não se aplica ao ANP;
- c) ? → significa que não é certo que o teste se aplique ao ANP.

#### 5.2.1 - OS *SQUISHES* DE ALGUNS CASOS DE ANP's

Os *squishes*, nesta subseção, descrevem o comportamento de alguns ANP's, comprovando a hipótese aventada na subseção 5.0 de que os ANP's exibem características de uma estruturação radial de sentidos. Após apresentar os *squishes*, farei uma análise dos resultados alcançados.

Traçarei *squishes* para os seguintes ANP's:

SN + [ N NATURAL ]

I- NATURAL

ciências naturais  
reservas naturais  
restaurante natural  
preservação natural  
atitude natural  
talento natural

SN + [ N NERVOSO ]

II- NERVOSO

sépala nervosa  
sistema nervoso  
tique nervoso  
depressão nervosa  
abalo nervoso  
professor nervoso

SN + [ N MECÂNICO ]

III- MECÂNICO

engenheiro mecânico  
freio mecânico  
defeito mecânico  
perna mecânica  
gesto mecânico  
resposta mecânica

SN → [ N SUBTERRÂNEO ]

IV- SUBTERRÂNEO

exploração subterrânea  
perfuração subterrânea  
canal subterrâneo  
garagem subterrânea  
campanha subterrânea  
intenção subterrânea

SN → [ N INDUSTRIAL ]

V- INDUSTRIAL

química industrial  
centro industrial  
revolução industrial  
poluição industrial  
cozinha industrial  
crescimento industrial

SN → [ N CAMPESTRE ]

VI- CAMPESTRE

clube campestre

espécie campestre

flora campestre

cidade campestre

atmosfera campestre

beleza campestre

SN + [ N RELIGIOSO ]

VII- RELIGIOSO

ritual religioso

traje religioso

feriado religioso

preconceito religioso

líder religioso

povo religioso







VII- [ N RELIGIOSO ]<sub>SN</sub>

(N RELIGIOSO) <sub>SN</sub>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
RITUAL RELIGIOSO	-	-	-	?	-	+	+	+	?	?	-	?	+	+	+	+	+	+	+	+
TRAJE RELIGIOSO	-	-	-	-	-	?	+	+	?	?	-	?	+	+	+	+	+	+	+	+
FERIADO RELIGIOSO	-	-	-	-	-	?	?	+	-	?	-	?	+	+	+	+	+	+	+	+
PRECONCEITO RELIGIOSO	-	-	-	?	?	+	+	+	?	?	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
LÍDER RELIGIOSO	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
POVO RELIGIOSO	-	?	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-

5.2.2 - ANÁLISE DOS SQUISHES DE 5.2.1

Nos squishes mostrados, pode-se constatar que os adjetivos que ocupam as últimas linhas das matrizes vão, gradativamente, assumindo características adjetivais, até que, na linha de número sete se encontra uma amostra com todas as características de adjetivos prototípicos.

É este o caso das ocorrências de:

- NATURAL, em talento natural;
- NERVOSO, em professor nervoso;
- MECÂNICA, em resposta mecânica;
- SUBTERRÂNEA, em intenção subterrânea;
- INDUSTRIAL, em crescimento industrial;
- CAMPESTRE, em beleza campestre;
- RELIGIOSO, em povo religioso.

Dessa relação fazem parte ANP's que sofreram alterações semânticas que acarretaram mudanças no seu comportamento sintático, como pode ser verificado nos resultados dos testes que compõem os *squishes*.

Em seguida, traçarei *squishes* para alguns SN's cristalizados, visando a observar o seu comportamento sintático e, daí, a concluir se há, ou não, uma variação no seu comportamento adjetival.

### 5.2.3 - OS *SQUISHES* DE ANP's EM SN's CRISTALIZADOS

Como foi esclarecido anteriormente, o que chamo de ANP's cristalizados são ocorrências de ANP's prototípicos em SN's que aparentam ser substantivos de sentido composto, como engenheiro mecânico, empresas públicas, sistema nervoso, índios antropófagos, etc. Nessas ocorrências, o sentido do substantivo está intrinsecamente relacionado com o sentido do ANP modificador e, portanto uma dissociação entre substantivo e ANP acarretaria uma mudança na referência do substantivo núcleo do SN.

Delinearei *squishes* para os SN's listados a seguir, nos quais serão fixados o N núcleo e variado o ANP atributivo. (As convenções simbólicas adotadas nesta subseção serão as mesmas adotadas na subseção anterior.)

---

SN + [ MECÂNICA ANP ]

I- MECÂNICA

mecânica analítica

mecânica celeste

mecânica estatística

mecânica newtoniana

mecânica ondulatória

mecânica quântica

SN + [ SISTEMA ANP ]

II- SISTEMA

sistema nervoso

sistema métrico

sistema financeiro

sistema solar

sistema ósseo

sistema educacional

SN + [ FENÔMENO ANP ]

III- FENÔMENO

fenômeno programático

fenômeno físico

fenômeno histórico

fenômeno temporal

fenômeno hermenêutico

fenômeno atmosférico

SN → [ CRITÉRIO ANP ]

IV- CRITÉRIO

critério seletional  
critério financeiro  
critério pragmático  
critério experimental  
critério cronológico  
critério físico

SN → [ MARCADOR ANP ]

V- MARCADOR

marcador sintagmático  
marcador derivacional  
marcador flexional  
marcador gramatical  
marcador morfológico  
marcador semântico

SN → [ ENGENHEIRO ANP ]

VI- ENGENHEIRO

engenheiro agrônomo  
engenheiro mecânico  
engenheiro naval  
engenheiro eletrônico  
engenheiro metalúrgico  
engenheiro computacional







### ANALISANDO OS *SQUISHES* EXPOSTOS EM 5.2.3

Nos *squishes* propostos nessa subseção, pode-se observar que as matrizes são "mal-comportadas". Não encontrei evidências que autorizem a dizer 'que' há diferentes graus de adjetividade nos exemplos analisados. O que se comprova é o alto grau de nominalidade dos ANP's a que eu chamava de "cristalizados", o que só vem corroborar a minha hipótese de que os ANP's mais prototípicos exibem poucas características adjetivais.

### 5.3 - SUMARIO

Neste capítulo, tentou-se fazer uma descrição do comportamento sintático-semântico dos ANP'S. Defendeu-se a hipótese de que os ANP's prototípicos exibem poucas propriedades adjetivais e, por isso, são considerados ANP's cristalizados. Buscou-se uma explicação para os casos de polissemia, em que formas morfológicas de ANP's têm comportamentos de adjetivos prototípicos. Conclui-se que os ANP's podem sofrer expansões metafóricas em seu sentido, ocasionando as ocorrências polissêmicas predicativas. Finalmente, delinearam-se *squishes* a fim de se testar as hipóteses e obtiveram-se resultados que as confirmaram.

## CONCLUSÃO

Ao longo desta dissertação, procurei explicitar algumas questões que vêm ocupando a minha mente há algum tempo. Certamente, não cheguei a nenhuma solução definitiva para os problemas que me propus estudar na introdução deste trabalho. Entretanto, acredito ter, pelo menos, "clareado" algumas das características dos adjetivos não-predicativos que aqui foram estudados.

O primeiro ponto importante abordado no trabalho foi a polêmica em torno do processo de categorização linguística. Mostrei, então, que há muitos autores que defendem uma abordagem que inclui a categorização linguística nos processos cognitivos genéricos do ser humano. Outros mesmos autores afirmam que nem todas as categorias linguísticas se organizam em torno de unidades discretas e invariáveis. Portanto, ao contrário, a existência de fronteiras nebulosas entre categorias linguísticas.

Interessei-me em estudar um tipo de ocorrência linguística que está numa situação limítrofe entre categorias distintas. Pesquisei, portanto, os Adjetivos Não-Predicativos Nominais - ANP's - e concluí que eles compõem uma subcategoria estabelecida entre os substantivos e os adjetivos. Os ANP's desempenham uma função típica de adjetivos (modificação nominal), mas não têm comportamento nominal em várias situações, por outro lado, possuem características em comum com os substantivos no que

diz respeito à atribuição de caso, a traços semânticos e a prefixação, como mostrado no Capítulo II.

Acredito ter explicitado algumas das propriedades semânticas relevantes dos ANP's. Isso ficou claro principalmente no Capítulo V, quando mostrei que a relação semântica estabelecida entre o substantivo e o ANP modificador é prioritária para a definição do comportamento sintático do ANP.

A proposta mais interessante de todo o trabalho talvez seja a explicação cognitiva para o fenômeno da polissemia, em que mais uma vez, pude comprovar que alterações semânticas podem causar mudanças no comportamento sintático de uma forma lingüística.

A minha expectativa com este trabalho é a de que, após havê-lo examinado, se perceba, com mais clareza, a importância de uma teoria cognitiva para a categorização das formas lingüísticas que leve em conta parâmetros tanto sintáticos quanto semânticos.

Os bons autores são homens naturalmente íntegros, e como cabe antes louvar a tentativa do que o resultado, tu deves elogiar mais o homem íntegro pouco hábil nas letras, do que o que é hábil nas letras mas desprovido de integridade.

Leonardo da Vinci

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ADRADOS, F. E. (1975). Linguística Indo-Europea. Madrid, Editorial Gredos S/A.
- ARISTOTLE (1952). "Categories". Great Books of the Western World. The University of Chicago, Chicago, Illinois.
- ARONOFF, Mark (1976). Word Formation in Generative Grammar. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- BARBOSA, Jeronymo S. (1871). Gramatica Philosophica da Lingua Portugueza. 5. ed. Lisboa, Typographia da Academia Real de Sciencias, [1a. edição: 1822].
- BENVENISTE, Emile (1988). Problemas de Linguística Geral. Campinas, S.P., Pontes Editores.
- BERMAN, Arlene (1973). Adjectives and Adjective Complement Constructions in English. Tese de Doutoramento. Harvard University, Cambridge, Massachusetts.
- X BOLINGER, Dwight (1967). "Adjectives in English: Attribution and Predication". Lingua 18, p. 1-34.
- X CASTELEIRO, João M. (1981). Sintaxe Transformacional do Adjetivo. Lisboa, Instituto de Investigação Científica.
- CHOMSKY, Noam (1965). Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- (1970). "Remarks on Nominalization". In Roderick A. Jacobs & Peter S. Rosebaun (eds.). Readings in English Transformational Grammar. Waltham, Massachusetts: Ginn and Company. p. 184-221.
- (1982). Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- CUNHA, Celso F. (1975). Gramática da Língua Portuguesa. Ministério da Educação e Cultura.
- DIXON, R. M. W. (1965). What is Language? A New Approach to Linguistic Description. London, Longmans.
- (1977). "Where Have All the Adjectives Gone?". Studies in Language.
- FAUCONNIER, Giles (1985). Mental Spaces. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.

- FILMORE, Charles (1968). "The Case for Case" In Emmon Bach & Robert T. Harms (eds.). Universals in Linguistic Theory. New York, Holt, Rinehart, and Winston, Inc. p. 1-88.
- FREDE, M. (1987). Essays in Ancient Philosophy. New York, Oxford University Press.
- GALMICHE, M. (1975). . . Semântica Gerativa. Lisboa, Editorial Presença.
- GIVÓN, Talmy (1970). "Notes on the Semantic Structure of English Adjectives". Language, 46.816-37.
- GRUBER, J. (1965). Studies in Lexical Relations. Tese de Doutoramento. MIT. Reproduzida pelo Linguistics Club - Indiana University.
- HALL, R. A. Jr (1973). "The Transferred Epithet in P. G. Wodehouse". Linguistic Inquiry, IV, 92-44.
- HOPPER, Paul & THOMPSON, Sandra (1984). "The Discourse Basis for Lexical Categories in Universal Grammar". Language, 60, no.4, p. 703-52.
- JACKENDOFF, Ray (1972). Semantic Interpretation in Generative Grammar. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- JESPERSEN, Otto (1959). Language, Its Nature, Development and Origin. Londres, George Allen & Unwin.
- LABOV, William (1973). "The Boundaries of Words and Their Meanings". In Joshua Fishman (ed.). New Ways of Analysing Variation in English. Washington D.C., Georgetown University Press, p. 340-73.
- LAKOFF, George (1970). Irregularity in Syntax. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc.
- (1973). "Fuzzy Grammar and the Performance/Competence Terminology Game". In C. Corum et al, (eds.). Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society. University of Chicago, Chicago, Illinois.
- (1987). Women, Fire and Dangerous Things - What Categories Reveal About The Mind. Chicago, The University of Chicago Press.
- LAKOFF, George & Ross, Jonh R. (1967). "Is Deep Structure Necessary?". In James McCawley (org.). Syntax and Semantics, vol. 7. New York, New York Academic Press, 1976, p. 159-64.

- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark (1980). Metaphors We Live By. Chicago, The University of Chicago Press.
- LEVI, Judith N. (1973). "Where Do All Those Other Adjectives Come From?". In C. Corum et al. (eds.). Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society. University of Chicago, Chicago, Illinois.
- (1976). The Syntax and Semantics of Nonpredicating Adjectives in English. Dissertação de Doutorado. Reproduzida por The Indiana University Linguistics Club.
- LI, William S. C. (1987). "Acerca da Questão: As Categorias de Aristóteles São Meras Categorias de Linguagem?". In Neiva F. Pinto & Jachyntho J. L. Brandão, (orgs.). Cultura Clássica em Debate. Anais do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos. Belo Horizonte, Imprensa Universitária UFMG.
- LOBATO, Lúcia M. P. (1986). Sintaxe Gerativa do Português: Da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação. Belo Horizonte, Editora Vigília.
- MELLO, Heliana R. (1989). "Um Estudo Sintático-Semântico dos Adjetivos do Português". Manuscrito inédito. UFMG - Belo Horizonte.
- MOURA NEVES, M. H. (1987,a). A Vertente Grega da Gramática Tradicional. São Paulo, Editora HUCITEC.
- (1987,b). "Fundamentos Gregos da Teoria Gramatical". In Neiva F. Pinto & Jachyntho J. L. Brandão, (orgs.). Cultura Clássica em Debate. Anais do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos. Belo Horizonte, Imprensa Universitária UFMG.
- PERINI, Mário A. (1989). Sintaxe Portuguesa: Metodologia e Funções. São Paulo, Editora Ática.
- POSTAL, Paul M. (1969). "Anaphoric Islands". In R. Binnick et al. (eds.). Papers from the Fifth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society. University of Chicago, Chicago, Illinois.
- (1972). "The Derivation of English Pseudo-Adjectives". (Artigo não-publicado). Thomas J. Watson Research Center - IBM - Yorktown Heights, New York.
- POTTIER, Bernard, et al (1975). Estruturas Linguísticas do Português. São Paulo-Rio de Janeiro: Difel.

- QUICOLI, Antônio C. (1972). Aspects of Portuguese Complementation. Tese de Doutorado. State University of New York at Buffalo.
- ROSCH, Eleanor (1978). "Principles of Categorization". In Rosch & Lloyd, (eds.). Cognition and Categorization. Hillsdale, N. J. Lawrence Erlbaum Associates, p. 27-48.
- ROSS, John Robert (1967,a). Constraints on Variables in Syntax. Bloomington, Indiana, Indiana University Linguistics Club, 1968.
- (1972,a). "The Category Squish: Endstation Hauptwort". Papers from the Eighth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society. Chicago, p. 316-28.
- (1972,b). "Act". In Donald Davidson & Gilbert Harman, (eds.). Semantics of Natural Languages. Dordrecht, Holland and Boston: D. Reidel Publishing Company, p. 70-126.
- (1973,a). "A Fake NP Squish". In C. J. Bailey & R. Shuy. (eds.). New Ways of Analysing Variation in English. Washington D.C., Georgetown University Press, pp. 96-140.
- (1973,b). "Nouniness". In Osamu Fujimura, (ed.). Three Dimensions of Linguistic Theory. Tokio, TEC Corporation, p. 137-258.
- WITTGENSTEIN, Ludwig (1953). Philosophical Investigations. New York, Macmillan.
- ZADEH, Lotfi (1965). "Fuzzy Sets". Information and Control, 8:338-53.
- ZRIBI, Anne (1972). "Sur un Cas de Construction Pseudo-Prédicative". Recherches Linguistiques, no.1.